

BOLETIM

FORMAÇÃO EM
PSICANÁLISE

ANO VII . VOL VII . Nº1 . JANEIRO / JUNHO 1998



PUBLICAÇÃO DO
DEPARTAMENTO
FORMAÇÃO EM
PSICANÁLISE DO
INSTITUTO SEDES
SAPIENTIAE

Comissão Editorial

Kátia Eliana B. de Novaes
Maria Cristina Valente Petri
Marina Ferreira da Rosa Ribeiro
Monica Musatti Cytrynowicz
Nora Miguelez
Suzana Alves Viana

Conselho Editorial

Claudia Paula Leicand
Ede de Oliveira
Emir Tomazelli
Fernanda Pinto Freire
Maria Luiza Scrosoppi Persicano
Nora Miguelez
Suely Guevertz
Suzana Alves Viana
Vera Lúcia Martins do Valle

Capa e Projeto Gráfico

Yvonne Saruê

Jornalista Responsável

Marcos Daniel Cézari - MTPS - 11.193



Informações e assinaturas:

Rua Min Godoy, 1484
05015-001 São Paulo SP
Tel 3873-2314 - ramal 33

Neste número damos continuidade ao nosso trabalho de documentar e divulgar a psicanálise

Apresentamos inicialmente dois artigos de palestras proferidas no *Departamento Formação em Psicanálise* - o primeiro é de Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho. Neste artigo Junqueira demonstra que podemos encontrar na obra de Freud inúmeras noções espaciais e topográficas. O autor também busca outros psicanalistas que se voltaram para as características do espaço mental. Junqueira nos fala de uma clínica do continente psíquico. O segundo artigo é de Mário Eduardo Costa Pereira - um estudo sobre o pânico. O autor faz um estudo da contribuição de Freud ao tema do pânico.

O terceiro artigo é de Márcia Simões Corrêa Neder Bacha, a autora faz uma interessante reflexão psicanalítica sobre a relação de aprendizagem. Partindo do vértice da sexualidade infantil e da transferência analisa à relação professor-aluno.

Na Seção de Leituras temos o texto de José Carlos Garcia que faz uma instigante reflexão sobre o sonho, o cinema e psicanálise.

Na Seção de resenhas temos Denise Vieira Lee resenhando o artigo *Narciso Enamorado da Revue Française de Psychanalyse*. Temos também a resenha de dois livros recentemente lançados *Bion em São Paulo e Meltzer em São Paulo* - resenhados pôr Marina Ferreira da Rosa Ribeiro.

Esperamos que o compartilhar deste trabalho continue gerando novos frutos psicanalíticos.

Os Editores



SUMÁRIO

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

15 SET 2008

TOMBO Nº 3656

ex. L.

ARTIGOS

Espaço mental: uma visão psicanalítica
Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho

9

O estudo do pânico na tradição psicanalítica:
a contribuição de Freud
Mário Eduardo Costa Pereira

41

A criança pura, o professor-libertino e o filho imaginário
Márcia Simões Corrêa Nader Bacha

53

LEITURAS

A arte que sonhou o psicanalista
José Carlos Garcia

71

RESENHAS

Meltzer em São Paulo - Seminários Clínicos
Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

81

Bion em São Paulo - Ressonâncias (1997)
Heloisa Opice

85

Narciso Enamorado
Denise Vieira Lee

89

ARTIGOS

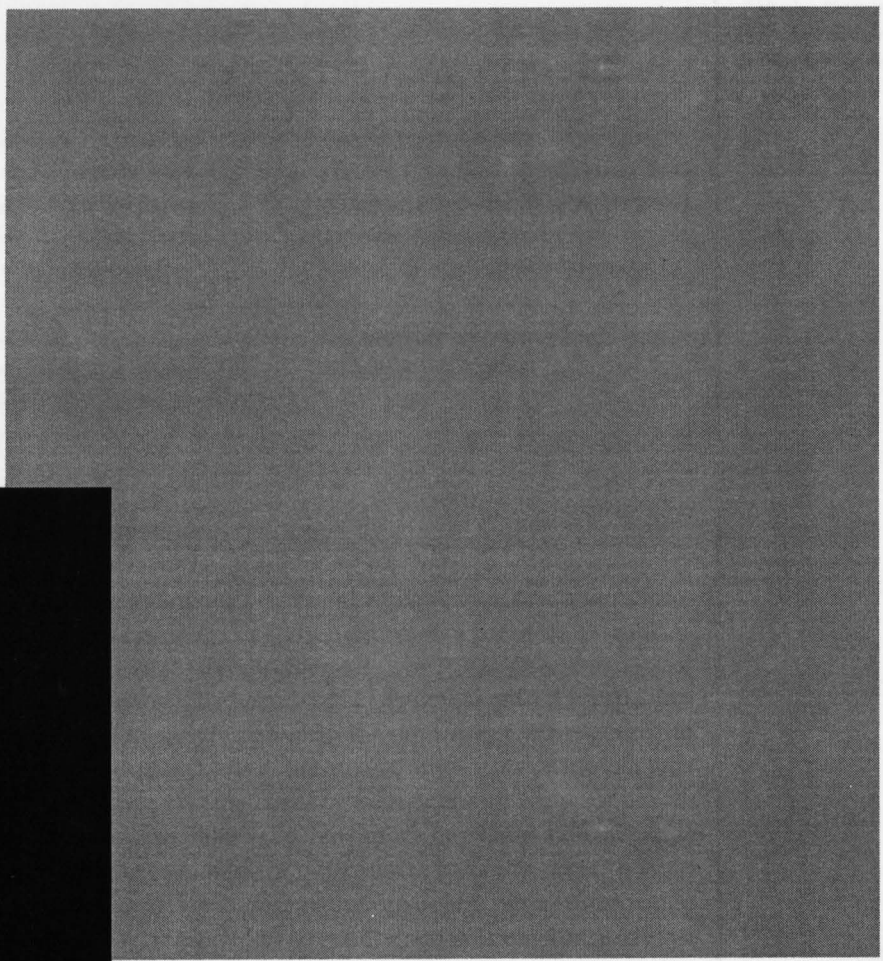




ESPAÇO MENTAL: UMA VISÃO PSICANÁLTICA*

por Carlos Uchôa Jurgens Filho

*Trabalho apresentado no
Seminário Psicanalítico Brasileiro
"Espaço Mental" de São Paulo
em 13/05/98 no I Seminário de
História da Psicologia do Conselho
e Região realizado em Campinas
de 20 a 22/09/98



A R T I G O S

ESPAÇO MENTAL: UMA VISÃO PSICANÁLITICA*

Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho**

<i>Where star-cold and the dread of space</i>	<i>Onde o frio-estelar e o pavor do espaço</i>
<i>in icy silence bind the main</i>	<i>retêm o essencial com um silêncio gélido</i>
<i>I feel but vastness on my face</i>	<i>meu semblante se impregna de imensidão</i>
<i>I sit, a mere incurious brain,</i>	<i>Sento-me, mero espírito indolente</i>
<i>under some outcast satellite</i>	<i>coberto por algum satélite desterrado.</i>

[Poems (1914)

Brennan, Christopher (1870-1932)

Poeta simbolista, e às vezes acadêmico,
australiano.]

(Tradução livre do autor com a colaboração

de Augusto de Campos)

1) Introdução

A primeira menção de Freud à projeção ocorreu significativamente no seu rascunho H(1895a) dedicado à paranóia. Este rascunho anexado à sua correspondência com Fliess, descreve a paranóia como uma modalidade patológica de defesa onde a incapacidade de admitir um desejo proibido faz com que a reprimenda ao mesmo abandone sua condição interna de auto-crítica, e adquira uma condição de crítica externa com colorido delirante. No exemplo clínico que lhe serve de ilustração, uma moça que havia sido seduzida mas que reprimia totalmente a experiência para não correr o risco de admitir-se como leviana, desenvolve um delírio persecutório onde as vizinhas estão o tempo todo se condoendo dela em função de sua conduta vexatória. Ao comentar o efeito econômico desta defesa, Freud reconhece implicitamente que o mesmo ocorre em função de um *rearranjo espacial* já que afirma literalmente que através do subterfúgio "o assunto principal permanece intocado, o que se altera é alguma coisa na *alocação* (placing) global do processo".

* Trabalho apresentado em Seminário realizado no Instituto "Sedes Sapientiae", em São Paulo, em 15/05/98 e no I Encontro do Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região, realizado em Campinas, de 29 a 31/05/98

** Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Evidentemente, não devemos supor que o reconhecimento deste mecanismo tenha ocorrido com o advento da Psicanálise já que encontramos descrições em diferentes campos de observação da natureza humana que se superpõem com bastante proximidade à formulação freudiana. Escolhi para nos ajudar a traçar um paralelo, um exemplo oriundo da história das mentalidades, e referente à associação que sempre se fez entre espaços geográficos desconhecidos e sua ocupação por monstros, demônios ou seres bizarros. Bruno Roy, num artigo intitulado "En marge du monde connu: les races des monstres", apresenta-nos uma passagem bastante curiosa para nosso assunto: "O medo do desconhecido geográfico, do qual os monstros são a materialização, não é senão um reflexo dos numerosos medos que estão no interior dos homens: medo de perder a integridade corporal, medo de uma punição iminente a certos comportamentos, medo do desmoronamento do frágil edifício social"¹.

Mais interessante ainda é constatar-mos que o imaginário europeu aproveitou também este desconhecido geográfico para povoá-lo com seus anseios pelo diferente e o exótico, chegando até a produzir descrições detalhadas do reino mítico do Preste João e do próprio Paraíso Terrestre. No século XIV imaginava-se que o norte europeu era habitado por seres hiperbóreos que viviam nas trevas, que no norte da Ásia ficava o lendário país de Gog e Magog, no centro o reino do Preste João e, em algum lugar, o Paraíso Terrestre, cercado por montanhas e por uma cortina de ferro. Para além do Índico, a distância inatingível permitia imaginar a existência de um universo antinômico habitado por seres antípodos como cinocéfalos, cíclopes, trogloditas e acéfalos. Segundo Le Goff, durante séculos o Oceano Índico constituiu-se em *horizonte mental* dos anseios exóticos do europeu medieval, "o lugar de seus sonhos e do fluir de seus instintos", verdadeira cornucópia produtora de pérolas, sedas, madeiras, especiarias, e, no campo sexual, de liberdades fascinantes como o nudismo, a poligamia e o incesto.

No entanto, à medida que o conhecimento real foi desmistificando o universo fantasioso do Índico, seu papel foi sendo *deslocado* para o Atlântico, levando Laura de Mello e Souza (1995) a assinalar que "o maravilhoso estaria fadado a ocupar sempre as *fimbrrias* do mundo conhecido pelos ocidentais"², o quê, em termos psicanalíticos equivaleria a dizer que a projeção implica sempre o reconhecimento de uma zona intermediária entre o conhecido e o desconhecido.

¹ Artigo inserido numa coletânea significativamente denominada de "Aspects de la marginalité au Moyen Age". A noção de "ego corporal geográfico", de Paul Federn, é precursora de uma explicação psicológica para estas vivências.

² Sérgio Buarque de Hollanda (1992), demonstra o lento deslocamento do mito do Paraíso Terrestre para o Universo Atlântico: no século X foi imaginado no meio do Oceano Índico, depois foi sendo deslocado para outras direções acompanhando o progresso dos conhecimentos geográficos, até começar a se dissipar em fins do século XVI, para só desaparecer do imaginário popular no século XVIII.

Se atentarmos para alguns termos desta exposição inicial como *rearranjo espacial, alocação, margem, horizonte, deslocamento e fimbrias*, forçoso é reconhecer-se que o plantel semântico assinala de modo inequívoco a utilização de uma noção de espaço apreensível a olho nu ou, talvez mais expressivamente, compatível com a mente nua nascida no “cosmos” euclidiano. No entanto, a ciência deste fim de século, munida de um aparato tecnológico inédito como o Telescópio Hubble, o microscópio eletrônico de varredura e os aceleradores de partículas, está desvendando um espaço inapreensível para a “mente euclidiana” que se estende do macrocosmo ao microcosmo, das origens misteriosas do Universo às profundezas desconhecidas da alma humana.

Há 15 bilhões de anos, nas bordas de um pretenso abismo cósmico, imaginamos hoje o Universo das origens com seus quarks e gluons e com os choques violentos da antimatéria com a matéria, gerando um espaço e um tempo evanescentes. Gradualmente, foram surgindo os núcleos, os átomos, as moléculas, os planetas e, há 3 bilhões e meio de anos, a própria vida. Em seguida, um ser conseguiu deambular num continente de um certo planeta de um dado sistema solar: um pré-humano, conhecido como *australopithecus*. Há 3 milhões de anos, Lucy, nossa ancestral agora ilustre, desce das árvores e adquire uma postura ereta. Há 100 mil anos já possuíamos o cérebro de 1.200cm³ que um dia passou a observar o céu com uma luneta, hoje transformada neste fantástico Hubble que catapultou nossa visão a 3 bilhões de km¹⁶ onde se deparou com um superconglomerado de galáxias. As fotos que estamos recebendo vão nos revelando os turbulentos processos envolvidos no nascimento e na morte das estrelas. Algumas delas são mostradas emergindo da nuvem conseqüente à explosão de uma super-nova e transformando-se num buraco negro, o monstro gravitacional que devora poeira, gás e até a luz. Outras se atrofiam numa anã branca, objetos que atingem uma densidade acima de 100 bilhões de kg/m³, como se fossem um tição cósmico.³

Isto tudo nos fornece bem a ordem de grandeza do macrocosmo neste final de século mas, no que tange ao microcosmo, temos nos surpreendido com as incríveis realizações da genética molecular e da física de partículas. Na sua descida vertiginosa em busca do cerne da matéria os físicos, através dos aceleradores de partículas, já percorreram uma distância de 10¹⁸ metros, no intuito de caçar duas partículas, o *6* quark e o boson de Higgs, que estão

³ A expressão “tição cósmico” foi traduzida do inglês “cosmic ember”, usada no artigo de onde tirei estas informações. É interessante assinalar os dois sentidos figurados da palavra *ember*: a) resíduo de uma atividade quase em extinção e, b) emoções, lembranças, idéias ou reações experimentadas no passado e ainda capazes de serem reativadas. Quanto ao branco, A. Green (1988) nos apresenta uma discussão útil partindo da bifurcação semântica entre a cor, o *albus* latino, e o vazio, o *blank* anglo saxão. O branco seria o invisível ou insensível e, no limite, o inconcebível e impensável. No entanto, o preto também é visto como espaço despovoado, vazio, o buraco negro, em suma.

faltando para comprovar a Teoria do Todo, a teoria unificadora mais avançada da atualidade. Mas, porque isto iria nos interessar, a nós psicanalistas? Eu diria, que em função dos vários modelos que estas descobertas vão nos fornecendo para ajudar no esclarecimento e na comprovação de nossas próprias teorias a respeito do funcionamento mental. Citarei dois exemplos. O primeiro refere-se à complexidade do vazio apreendido pela física de partículas, um verdadeiro oceano de partículas virtuais interagindo entre si, e com a matéria em volta, e determinando um estado de energia dita "fraca": não seria esta uma condição similar aos estados mentais de estupor catatônico? O segundo é uma informação alegórica fornecida pelo astrofísico francês Michel Cassé (1993) no seu interessante livro "Du Vide et de la Création". Ele nos explica que a organização e a desorganização da matéria, sua composição ou decomposição, são frutos de conflitos ou de alianças conjunturais de quatro forças manifestas: gravitacional, eletromagnética, fraca e forte. A teoria quântica dos campos mostra que existem partículas que veiculam as forças, denominadas de bosons, e outras que sofrem a interação, denominadas de fermions. Cada uma destas partículas possui um atributo quântico, o spin, que vem a ser um dado sociológico do microcosmo já que define o caráter social ou rebelde da partícula. Em suma, conclui Cassé, os fermions são individualistas e os bosons coletivistas, o que ressoa, a meu ver, com a proposição de Bion de que o crescimento psíquico é função de uma articulação entre as tendências narcisistas e socialistas do indivíduo. E já que estamos diante de um conflito ou paradoxo central do psiquismo humano, seria um bom momento para retornarmos a Freud.

2) Freud

Freud não faz qualquer referência a um espaço mental ou psíquico, apesar de referir-se a processos internos e externos, à internalização, introjeção, incorporação, bem como à projeção e a mundo externo. Sabemos, no entanto, que já no *Projeto* (1895b) ele elabora o surpreendente conceito de barreira de contato¹ (kontaktsschrank), que teria a função de impedir e facilitar a passagem entre consciente e inconsciente, entre memória e percepção, entre quantidade e qualidade. Sua estrutura seria a de um envoltório de duas faces, uma voltada para as excitações do mundo exterior e delas protegida por um "escudo protetor", e a outra voltada para as

¹ Bion foi o único autor a retomar este conceito, que aliás já antecipara o conceito de sinapse introduzido por Scerrington, em 1897. Bion o utiliza como parte integrante da função alfa, uma espécie de membrana permeável a permitir a diferenciação entre qualidades conscientes e inconscientes.

³ D. Anzieu (1988) lembra-nos oportunamente que a idéia de um espaço fusional intermediário entre o Ego e o Id é confirmada pela clínica, por exemplo, a experiência de Winnicott que o levou a postular o espaço transicional.

repousa sobre o ovo. O Ego não fica claramente separado do Id pois sua parte inferior mergulha nele³. A seguir, Freud destaca a importância da pele na formação do Ego, ponto de partida do conceito de Eu-Pele desenvolvido por D. Anzieu (1989): "O corpo de uma pessoa, e acima de tudo sua superfície, é um lugar do qual podem brotar percepções tanto internas quanto externas. À visão, parece um objeto qualquer, porém ao tato fornece dois tipos de sensações, uma delas equívale a uma percepção interna".

Este modelo do aparato psíquico funcionando como um envelope encontra uma confirmação em 1925 quando Freud se dá conta do funcionamento do bloco mágico: no brinquedo, o celulósido funcionaria como um "escudo protetor contra estímulos" ou seja, como o Sist. Pcpt-Cs., e a lâmina inferior de cera que retém a escrita, equívale ao estrato psíquico que retém o traço mnêmico.

O esquema do aparato psíquico fornecido no *Ego e o Id* em 1923 é modificado em 1933 na 31ª Conferência Introdutória, significativamente denominada de "A dissecação da personalidade psíquica": ali Freud introduz o Super-Ego no lugar ocupado pela "calota acústica" no esquema anterior, e propõe uma abertura inferior no envelope que antes era contínuo. Esta abertura materializaria a continuidade do Id e de suas pulsões com as necessidades biológicas, confirmando o fracasso do Ego em se constituir como envelope total do psiquismo.

Após este breve resumo das implicações do Ego como interface entre mundos interno e externo, estamos aptos a examinar o aprofundamento desta questão fornecida pela obra de Paul Federn (1871-1952) e contida principalmente em seu livro póstumo "Psicologia do Ego e as Psicoses".

3) Federn

Federn concentrou seu interesse no estudo dos estados de transição entre consciência e inconsciência através da observação do ciclo sono-vigília, dos desmaios, das condições pré-anestésicas e dos estados psicóticos de despersonalização.

Ele parte do reconhecimento de um tipo singular de vivência, o *sentimento do Ego*, que permite a apreensão de sua paradoxal condição de ser simultaneamente sujeito e objeto. Esta vivência ocorre através da integração de um sentimento de continuidade temporal, um sentimento de proximidade espacial, e um sentimento de

causalidade. Ao contrário de Freud, admite que o sentimento de um ego mental é o primeiro a ser experimentado pela criança que só depois vai adquirindo gradualmente o senso do ego corporal. Isto pressuporia uma pré-concepção de que a “entrada” do ego no corpo seria ameaçadora em função dos riscos de mortalidade e finitude; neste contexto, os estágios psicosssexuais de Freud representariam uma disseminação do ego pelo corpo a qual, devido ao risco mencionado, não ocorreria sem uma carga de ambivalência.

Postula a seguir um *sentimento das fronteiras do Eu*, condição inconsciente, que forneceria um senso demarcatório dinâmico entre o eu corporal, o eu psíquico e o super-ego, permitindo que o eu possa existir até onde persistir um sentimento de unicidade. Neste sentido, o que costumamos denominar de “presença de espírito” corresponderia a um paralelismo entre a prontidão das fronteiras do ego corporal, e a prontidão mental de adaptação à mudanças súbitas de situação.

Estas fronteiras do Eu sofrem flutuações constantes em função das variações do investimento libidinal: “Quando uma fronteira do Eu vem carregada de sentimento libidinal intenso, mas não é apreendida em seu conteúdo, o resultado é um sentimento de êxtase; quando, por outro lado, o sentimento é apenas apreendido e não sentido, sobrevem um sentimento de estranheza”.

A este respeito Federn escreveu um artigo ao redor de 1950 denominado “A resposta do Ego à dor” que elucida metapsicologicamente uma importante afirmação de Bion (1970) relativa a certos pacientes tão intolerantes à frustração, que acabam sentindo a dor psíquica sem no entanto sofrê-la. Eis o que nos sugere Federn em seu artigo:

Há uma pequena distinção, porém muito importante, entre “sofrer uma dor” e meramente “sentir uma dor”. O sofrimento vem a ser a experiência direta, incluída nas fronteiras do ego, da dor mental causada pelo evento ou objeto doloroso ou então, respectivamente, pela memória e pela representação objetiva. Através de tal sofrimento o ego concebe a intensidade plena do evento. A próxima vez que a idéia retorna, a dor já não é sentida na mesma intensidade. Este é o passo mais elementar na mágoa e no luto normais. A aceitação da dor é o tributo que pagamos à normalidade.

O indivíduo que está prestes a se tornar deprimido não paga o tributo. Ele sente o objeto “atormentador” (afflicting object) como algo que aflige (that pains) a fronteira do ego vindo de fora.

Ele pode sofrer a dor infligida ao ego narcisisticamente, mas ele não a sofre diretamente no interior da fronteira de seu ego como a pessoa normal. Portanto, sempre que o evento ou que a memória do evento volta, ele é sentido pela fronteira do ego que não se modificou, com a mesma intensidade da primeira vez. (Nota de Edoardo Weiss: Dentro do ego, a dor pode, por assim dizer, ser digerida e assimilada neste órgão interno. O luto persistente é causado pela falha do ego em efetuar esta "digestão", ou seja, o trabalho de luto).

Outra noção antecipatória de Federn é a de engrama, um tipo de registro psíquico para qualquer novo estímulo que visualiza, em termos uni-dimensionais, aquilo que Bion posteriormente chamou de ideograma em termos pluri-dimensionais.

Eigen (1993) tem uma interessante leitura sobre as implicações clínicas da teoria de Federn, ao vê-las sugerindo que precisamos tanto aprender a encolher para progredir, quanto a nos esticar para oxigenar nosso Self. Deste modo estaremos explorando constantemente um senso de realidade que respeita as polaridades finitude/infinitude e encarnação/ desencarnação e por isso mesmo, descobrindo continuamente quem somos e quem não somos. Ou então, se preferirmos a poesia filosófica de Bachelard (1996), estaremos entendendo nosso ser como condensação que se dispersa explodindo e como dispersão refluindo para um centro.

4) A contribuição de Paul Schilder (1886-1940)

As contribuições do neuro-psiquiatra e psicanalista vienense Paul Schilder colocam em evidência as representações inconscientes do Self complementando assim as de Federn que são primordialmente pré-conscientes. Em seu livro pioneiro de 1935 "A imagem e a aparência do corpo humano" ele desenvolve dois importantes conceitos o de *imagem corporal* e o de *esquema corporal*: a imagem corporal introduziria o corpo à própria mente através das vias proprioceptivas enquanto o esquema corporal representaria o conhecimento mental constante do próprio corpo.

5) A pluri-dimensionalidade kleiniana

Melanie Klein não utiliza a expressão *espaço mental* ou *psíquico* apesar de falar em *objetos internos*, *mundo interno* e *ge-*

ograpia do corpo materno; esta expressão só virá a ser utilizada dentre os autores kleinianos por Bion (1965) em *Transformações*.

Meltzer (1980) no entanto considera que a noção de *espaço interno* permeia toda a obra de M. Klein em função de uma mudança epistemológica em relação ao aparelho psíquico proposto por Freud, ao adotar implicitamente a orientação platônica segundo a qual todo significado emocional externo tem sua origem em relações internas: daí ela considerar a fantasia inconsciente como expressão das relações concretas entre os objetos internos e partes do Self.

Didier Houzel (1985) ao traçar a evolução do conceito de espaço psíquico em M. Klein propõe que o espaço que alberga os objetos internos e suas relações recíprocas, deva ser pelo menos quadri-dimensional. Como sabemos, foi E. Bick (1968) e posteriormente Meltzer (1975) que descreveram a bi-dimensionalidade, a condição psíquica onde há indiferenciação entre espaços internos e externos, levando à produção de identificações adesivas. Com a tri-dimensionalidade surgem os espaços internos do objeto e do Self, no interior dos quais qualquer coisa pode ser projetada ou introjetada. A quadri-dimensionalidade seria possível através da introjeção da parrelha parental que marcaria a transição de uma relação narcísica a outra do tipo objetal.

A criação destes dois últimos espaços comporta diferentes explicações metapsicológicas segundo o referencial teórico utilizado. Britton (1989) por exemplo, invoca a necessidade do estabelecimento de um espaço triangular como condição sine qua non para apreensão dos conflitos edípicos. Uma proposta mais recente nos é oferecida por Dana Breen (1996) e seu conceito de pênis-como-vínculo, o qual exerceria um papel estruturante do psiquismo ao vincular pai e mãe, masculino e feminino, além de determinar a estrutura edípica plena. Segundo ela, quando esta estruturação ocorre clinicamente, há uma mudança na qualidade da transferência pois o paciente pode começar a observar-se e à interação com o analista a partir de uma *terceira posição*⁴ configurando um comportamento tri-dimensional.

Pode-se portanto depreender que o espaço psíquico kleiniano possui três fronteiras: uma com o mundo exterior, outra com o espaço interno dos objetos externos e a última com o espaço interno dos objetos internos. A descrição da identificação projetiva (M. Klein, 1946) mostrou as possibilidades de interpenetração entre

⁴ Equivalente ao terceiro estágio de construção de modelo de mundo na criança o dualista, proposto por Money-Kyrle (1961), onde emerge a capacidade de auto-consciência; equivalente também à descrição de Ogden (1985), da evolução do estado de "unicidade" do bebê para o estado de "trin-dade, onde o bebê como sujeito, passa a ser observador de mãe e bebê como objetos (simbólicos).

o espaço interno do self e do objeto, no entanto, restou a ser explorada a fronteira entre espaço interno do Self e espaço interno dos objetos internos: o estudo desta fronteira nos permite diferenciar a introjeção narcísica de Self-objetos com os quais o Self se identifica através de uma espécie de identificação projetiva com os objetos internos, da verdadeira identificação introjetiva.

Em seu livro sobre o claustrum Meltzer (1992) desenvolve a dimensão geográfica do aparelho mental imaginando-o constituído por mundo externo, mundo interno, interior dos objetos externos, interior dos objetos internos, sistema delirante (nenhures) e útero. O claustrum, definido como o mundo interno da mãe interna, está dividido em três compartimentos: a Cabeça / Seio maternos, o Genital materno e o Reto materno. Os orifícios destes compartimentos, a boca, a vagina e o ânus são entrevistados não só como vias de internalização do pênis paterno, mas também como vias de expulsão de objetos intrusos, função esta que explicaria as angústias de natureza claustrofóbica.

Assinale-se, finalmente, que desde o artigo de Melanie Klein (1930) sobre a formação de símbolos, os analistas kleinianos têm acompanhado as transformações do espaço interno através do pensamento, ou seja, daquilo que Meltzer (1980) denominou de “cenário de elaboração de significados”: duas importantes contribuições neste sentido foram dadas por H. Segal (1957) com sua descrição da equação simbólica e por Money-Kyrle (1968) com sua descrição do desenvolvimento cognitivo.

6) O espaço potencial de Winnicott

“O bebê cria o objeto, mas o objeto estava lá esperando para ser criado...” (Winnicott, 1968). As formulações de Winnicott exibem, freqüentemente, a leveza e o tom enigmático de um *hai-kai* que pretende, assim, ajudar o leitor a aceitar certas realidades paradoxais como seu conceito de espaço potencial: o lugar ocupado pelo brincar, pela criatividade, pelos fenômenos transicionais e pela experiência cultural (1971). Este espaço potencial jaz “entre o objeto subjetiva e o objeto objetivamente percebidos, entre extensões do eu e o não-eu” (1967).

Winnicott propõe que para que ocorra uma transição entre a unidade mãe-bebê inicial e o estágio posterior de individualização é preciso que haja entre a mãe e o bebê um espaço potencial (que

nunca se concretize) preenchido pelo paradoxo de que bebê e mãe são um e são dois: o objeto transicional então seria um símbolo para esta separação na unidade e para esta unidade na separação.

Ogden (1985) sugere que esta peculiar correlação entre "eudade" e alteridade poderia ser melhor aceita se a entendêssemos como um processo dialético diretamente envolvido na criação da subjetividade, a qual surgiria quando fosse possível diferenciar símbolo, simbolizado e sujeito interpretante. O espaço entre o símbolo e o simbolizado, mediado por um Self interpretante, seria o espaço onde a criatividade tornar-se-ia possível e onde o ser humano se viabilizaria como um organismo ativo e não meramente reativo. Seria este, a seu ver, o espaço potencial de Winnicott.

7) Espaço: a invariante sob psicanálise, segundo Bion.

Acho bastante provável que Bion tenha apreendido a semente desta invariância a partir de um trecho da conversa entre *Alice* e *Humpty-Dumpty*, onde este diz ter ganhado uma gravata do Rei e da Rainha Branca como presente de *não-aniversário*. Ao indagar a respeito deste tipo de presente, é informada que se trata de qualquer presente que nos seja dado quando não é nosso aniversário, ao que ela retruca dizendo gostar mais dos presentes de aniversário: evidentemente, temos aqui uma informação *lógica* e um comentário *psico-lógico*. Podemos no entanto pensar que lendo esta passagem, Bion tenha se inspirado no *espaço ocupado pelo não-aniversário*, como expressando a dimensão *meta-psicológica*, na medida em que o existir psíquico de uma pessoa acontece através de poder *pensar* sua identidade ao longo do espaço situado entre duas datas de aniversário (nas quais a pessoa, por assim dizer, existe "concretamente").

A configuração continente-contido utilizada inicialmente por Bion como modelo na compreensão de mudanças catastróficas passíveis de ocorrer intra - e inter - psiquicamente, foi posteriormente correlacionada com o mecanismo de identificação projetiva e proposto como um elemento de psicanálise. Por que? Provavelmente, porque o aparelho psíquico proposto por ele funcionaria segundo o modelo das funções digestiva e sexual, desde que consideradas pela faceta do armazenamento de informações. De que maneira isto ocorre? Através da operação de uma função pensante por ele denominada de função alfa. A tarefa básica desta função é "digerir" os estímulos

sensoriais externos e os estímulos emocionais internos através de uma armazenagem ideogramática, ou seja, através de uma peculiar articulação espacial destes estímulos. São estes "ideogramas", os elementos alfa, que serão posteriormente utilizados na confecção de *novos* pensamentos, de maneira análoga à utilização dos amino-ácidos absorvidos pelo organismo, na síntese de *novas* moléculas protéicas. Sublinhei o sentido de novidade por ser a chave da inserção da função sexual neste modelo, já que a fertilidade e criatividade conseguidos através da informação genética, são fruto da articulação espacial da estrutura helicoidal do D.N.A.. Além do mais, o emparelhamento sexual é um ótimo modelo para a interação dialética que estaria, como nos alertou Ogden, na base da constituição da subjetividade.

Para Bion, a mola propulsora do pensar dependeria da capacidade do sujeito de lidar com a ausência do objeto, ou seja, de lidar com um espaço preenchido pela não-coisa, se optarmos por uma afirmação, ou com um espaço onde a coisa (objeto) estava, se preferirmos a negação. Daí postular o domínio do pensamento como um espaço ocupado por não-coisas e sugerir que a origem intrapsíquica da Geometria Euclidiana ocorreria através da experiência do "espaço" que "foi ocupado" por um sentimento, emoção ou qualquer outra experiência mental.

Em *Atenção e Interpretação* (págs. 8 e segs.) Bion (1970) nos lembra que a descrição apresentada por Melanie Klein da identificação projetiva pressupunha no paciente a noção de um espaço tri-dimensional povoado por várias modalidades de objetos no interior dos quais ele projetaria as partes excindidas de sua personalidade: o grau da fragmentação e a distância da projeção seriam os fatores determinantes da perturbação do contato com a realidade. No entanto, na personalidade psicótica privada da concepção de continentes em cujo interior a projeção pudesse ocorrer, surge uma projeção explosiva no próprio espaço mental, o qual é infinitamente maior que o espaço tridimensional: perde-se assim a capacidade de estar em contato com as emoções pois estas se escoam numa imensidão tão vasta que nem o espaço astronômico poderia representá-la, já que ela não admite representação.

Neste sentido, o setting analítico, por definição, deveria ser entendido como um espaço propício à contenção da não-coisa, espaço este que deveria ser construído com matéria prima fornecida pelo analista mas com mão de obra conjunta, paciente e analista. Um

exemplo plástico disto nos é dado por uma situação clínica vivida por uma supervisionanda:

Ela atendeu um garoto de onze anos numa primeira entrevista na qual ele fez um desenho de um lado de uma folha em branco. Alguns dias depois ela recebeu os pais da criança para uma entrevista em separado e anotou alguns dados da conversa também numa folha em branco. Acertado o início do atendimento com o garoto ela o recebe para a primeira sessão explicando-lhe que dispõem de uma caixa com alguns objetos onde poderiam guardar tudo aquilo que fosse produzido por eles no decorrer do trabalho. Ele de imediato pede-lhe um favor: gostaria de guardar dentro da caixa o desenho que fizera na primeira entrevista. Ela concorda, mas ao pegar o tal desenho de dentro de uma pasta, percebeu, para seu espanto e perplexidade, que justamente fizera as anotações da entrevista com os pais, no verso da folha em que ele havia desenhado. Sentiu-se aflita e constrangida, mas manteve o bom senso a ponto de lhe dizer: “olha, nós estamos com um problema, eu fiz umas anotações do meu interesse do outro lado da folha em que você desenhou, como é que podíamos fazer para separar aquilo que é seu daquilo que é meu?” Para sua surpresa, a resposta dele foi imediata: “escuta, você não tem uma caixa onde você guarda suas coisas?” Ela lhe responde que sim. “Então, você copia o que lhe interessa numa outra folha e guarda na sua caixa, eu copio o meu desenho e guardo na minha caixa. “Ela então lhe pergunta: “mas o que vamos fazer com esta folha que contém coisas suas e minhas?” “Ora, vamos precisar de uma outra caixa para guardar aquilo que for produto do cruzamento entre as minhas coisas e as suas”. Este me parece ser um lindo exemplo do estabelecimento do espaço comum a analista e analisando nascido da interação emocional pura e genuína.

8) Grotstein e Matte-Blanco

Em 1978 James Grotstein produziu uma síntese magnífica daquilo que se produzira a respeito da noção de espaço mental: a *identificação adesiva* de Ester Bick (1968), o *desmantelamento* de Meltzer (1975), a *pluri-dimensionalidade* de Matte-Blanco (1975) e a noção de *espaço negativo* de Bion (1963,1965). Este fato permitiu-lhe mapear os estados psíquicos associáveis com a representação geométrica do espaço mental, além de estimulá-lo a criar o conceito de *background object* (objeto suporte), para dar conta da instalação

de um dos núcleos fundantes do Ego, ligado à constituição de um eixo vertical para sustentar a “estrutura” do espaço mental.

A partir da década de 50 Matte-Blanco estudou as bases filosóficas, físicas e lógico-matemáticas da espacialidade psíquica, concluindo que os fenômenos psíquicos necessitam, para serem compreendidos, de um espaço com dimensões superiores a três, mas que só podem ser expressos em termos de um espaço tri-dimensional acrescido da dimensão temporal. Em seu último livro *Thinking, Feeling and Being* (1988) discutiu em profundidade as implicações da dimensionalidade dos objetos e do mundo interno. Seu alerta inicial refere-se à falácia de acharmos que os fenômenos projetivos e introjetivos envolvem somente objetos tri-dimensionais circulando por espaços tri-dimensionais. De fato, para tentar pensar sua experiência básica de indivisibilidade o ser humano acaba se valendo de uma noção de espaço com dimensões infinitas⁵. Além do mais, uma série de fatos essenciais à mente individual e à relação intersubjetiva não podem ser apreendidos nos termos da antítese interno-externo (como por exemplo a noção de *nenbures* que Meltzer usa para descrever o sistema delirante, ou então a descrição de Bion de um objeto sem interior ou exterior).

Como o mundo interno tem provavelmente uma dimensão maior que três, torna-se evidente que um dado objeto pode ser introjetado no interior de uma certa “estrutura” espacial, permanecendo no entanto externo a “estruturas” espaciais de dimensão inferior: esta seria uma outra maneira de entendermos a noção de *objeto parcial*.

9) A experiência psicótica

Como em qualquer outro campo, a psicopatologia do espaço mental ajuda-nos bastante no entendimento de sua psicologia. Acho que a referência inicial obrigatória ao considerar-se a contribuição da experiência psicótica seriam os artigos de Freud (1911) sobre Schreber e o de Tausk (1919) sobre a máquina de influenciar. Ambos, como sabemos, estudam em minúcia os distúrbios econômicos das libidos narcísica e objetal, descrevendo um interjogo sintomatológico que vai nos ajudando a mapear as características do espaço mental. Tome-se como exemplo a descrição apresentada por Schreber de que os homens são compostos de corpo e de espírito ou mente (Seele), a qual estaria encerrada nos nervos do corpo que

⁵ Na realidade, Matte-Blanco acha que “a tentativa de traduzir os aspectos an-espaciais e atemporais da natureza humana em termos de espaço-tempo é essencial ao pensamento, mas constitui sempre uma forma de “pensatear” (“thinkating”). Define “pensatear” como a tividade que tenta pensar o impensável tratando-o, sem sucesso, como se fosse pensável.

o envolvem como uma rede filamentar finita. Freud, ao nos oferecer esta descrição estava interessado em explicitar o sistema teológico-psicológico do delírio psicótico, eu no entanto estou destacando que, ao descrever dois tipos de nervos, os senso-perceptivos e os nervos do entendimento, (equacionados com toda a vida mental do sujeito), ele nos permite reconhecer aí o embrião dos conceitos de *Eu-pele* e *Eu-pensamento* que veremos mais adiante.

Um salto metapsicológico porém ocorreu com o reconhecimento de M. Klein (1946), influenciada por Fairbairn, da importância psicopatogênica dos fenômenos esquizo-paranóides e de sua principal conseqüência, a identificação projetiva patológica. A aplicação destas idéias à psicanálise de psicóticos foi, porém, deixada para seus seguidores como Segal, Rosenfeld e Bion.

Em seu artigo sobre *Ataques ao Vínculo*, Bion (1959) descreve uma ansiedade psicótica em que o paciente sentia-se ameaçado de que todos os seus conteúdos mentais se escoassem como uma espécie de urina deixando-o num estado de vacuidade que ele denominou de "mindlessness", termo para o qual até hoje, não encontrei uma tradução satisfatória. A seguir, em *Transformações* (1965) descreve uma condição clínica em que a psique não pode conviver com um tipo de "espaço" não-existente, já que produto de ataques invejosos consumptivos sobre todo objeto que exista, pelo mero fato ameaçador que ele *existe*. Este "espaço" intemporal e an-espacial aproxima-se à situação descrita na "Tea party" do Chapeleiro Maluco no *Alice no País das Maravilhas*.

Michael Eigen (1993) considera que de várias maneiras nos sentido de Self guarda um imprinting de seu vazio pré-natal. Propõe que a condição de "mindlessness" corresponde a uma atividade caótica enquanto que a condição de "nuli-ficação" (no-thingness) corresponderia a um aspecto passivo da condição humana. De qualquer modo, sua visão da catástrofe inominada de Bion é de uma fusão entre caos, nulidade e branquitude já que a personalidade estaria num processo de se desintegrar, experimentar e representar esta desintegração, representar a desintegração das representações, e desfazer-se a si mesma e à sua capacidade de representação, tanto quanto fosse humanamente possível.

A aproximação a um ponto zero de atividade psíquica é-nos oferecida também pela "psicose branca" de Green (1973) onde graças a uma negação maciça do pensamento, o sujeito desenvolve uma hipocondria em relação à cabeça com uma sensação de possuir um

buraco na atividade mental que o impede de funcionar psiquicamente. Green (1975) aliás, visualiza o espaço psíquico através dos limites do campo do pensamento nos moldes em que foram expressos na Grade de Bion, mesmo considerando-se a dificuldade de estimularmos com precisão o ponto de mutação entre o sensorial e o psíquico. Como sabemos, Bion oscilou entre considerar o elemento-beta um proto-pensamento e um objeto inanimado: uma sugestão interessante em relação a este dilema nos é apresentada por Rosemberg e Boraks (1997), ao se indagarem da importância do elemento-beta na constituição do espaço psíquico. Segundo elas, isto poderia ocorrer na instância de *excorporação* descrita por Green (1988), em que a personalidade expulsa uma parte do corpo sujeita a uma excitação excessiva ou indevida para o espaço envolvente, constituindo-se assim como um estágio intermediário entre a projeção e a identificação projetiva.

10) Visão estética do espaço mental.

Os psicanalistas vêm sendo obrigados, por uma questão de observância de suas dificuldades em expressar e transmitir as vivências clínicas, a recorrer a formas de expressão artística para fazê-lo, aliviando-os das tentativas de consegui-lo com recursos próprios, os quais acabam se deturpando, como vimos na crítica de Matte-Blanco em relação ao “pensatear”. Felizmente, as artes têm sido pródigas em nos ajudar a representar o espaço mental: basta pensarmos nas pinturas cubista, surrealista e metafísica, nas esculturas de Brancusi, Henry Moore, Bárbara Hepworth e Anish Kapoor, ou nas arquiteturas oniróides de Gaudi e Hundertwasser. Aqui, só terei possibilidade de mencionar brevemente quatro exemplos extraídos da literatura.

Começarei pelo livro de Jonathan Spence (1986) *O Palácio da Memória de Matteo Ricci*, no qual podemos acompanhar as fascinantes aventuras deste missionário jesuíta à China da dinastia Ming onde, em 1595, produziu um livro com intuítos evangelizadores, valendo-se de imagens evocadoras de passagens do Novo Testamento e de ideogramas selecionados, procurando focar quatro temas básicos das culturas cristã e chinesa: guerra, lucro, dever e amor. O mais curioso, no entanto, e que mais nos interessa, é que estes ensinamentos foram dispostos num “palácio da memória”, ou seja, um construto mnemotécnico em que os elementos são distribuídos

⁷ Atente-se, por exemplo, à proximidade entre esta formulação de Beckett com as de Bion: "não fui eu quem criou o caos. Mas ninguém pode escutar uma conversa durante cinco minutos sem ficar intensamente consciente do caos. Ele está ao nosso redor e nossa única chance é deixá-lo entrar. A única chance de renovação consiste em abrir os olhos e ver, mesmo sem compreender. Proponha que deixemos o caos entrar porque ele é verdadeiro"

tos, sempre crescendo e crescendo...

Quanto a Beckett, temos um débito para com D. Anzieu (1994), não só por ter divulgado a fertilização mútua estabelecida com Bion, mas também por sua análise aguçada de como a obra do atormentado dramaturgo foi lhe permitindo superar um vazio existencial enlouquecedor, através da verticalização do pensar⁷. De fato, o homem, segundo Anzieu não é só um animal que aprumou-se e, ao apoiar-se na coluna vertebral, situou a cabeça em seu topo, mas que também situou o pensar no cimo do psiquismo, se usarmos esta derivação metafórico-metônímica. Ao escrever *Le Depeupleur* (que tanto significa despovoar quanto despojar e desguarnecer) Beckett (1970), através da alegoria dos três tipos de habitantes de um cilindro, recapitula sua experiência de três níveis do pensar em correspondência às três posições corporais de base: 1) Os *sedentários* corresponderiam a corpos sem psique envolvidos com a destruição do pensamento e reduzidos a um ponto no espaço uni-dimensional; 2) Os *indagadores* seriam corpos habitados por pensamentos erráticos e circulares, movimentando-se num espaço bi-dimensional, enquanto 3) Os *trepadores* aspirariam à ascensão, a um pensar pessoal, ou seja, a um espaço psíquico tri-dimensional.

11) A clínica do continente psíquico

Toda vez que reencetamos o esforço de registrar a experiência psicanalítica deparamo-nos com dificuldades específicas para reter a vivacidade da instalação do setting e do clima transferencial, elementos essenciais do processo psicanalítico. Se estamos envolvidos com qualquer questão conceitual da psicanálise, é imprescindível que em algum momento nos voltemos para nossa clínica em busca da singularidade viva que justifique qualquer pretensão de originalidade em nossa comunicação. É o que farei a seguir, na tentativa de ilustrar a clínica do continente psíquico.

O foco de meu relato é uma analisanda cuja análise comigo caracterizava-se por uma grande dificuldade na comunicação. Ao contrário do que poder-se-ia pensar à primeira vista, esta dificuldade não ocorria por falta de recursos formais: era uma mulher inteligente, desinibida, razoavelmente instruída, possuidora de um vocabulário amplo e cônica de sua beleza e de seu charme. Desde o início de sua análise demonstrou uma espécie de fobia em relação ao espaço da sala de espera: quase nunca sentava na poltrona, procurava esqui-

var-se de qualquer encontro refugiando-se no banheiro ou nos cantos; muitas vezes eu abria a porta de minha sala e me deparava com sua imaterialidade, obrigando-me a ter que me contentar por alguns segundos em “sensar” sua presença até que ela se materializasse. Quem sabe sua expectativa fosse de poder safar-se do incômodo de ter que ir embora ao final das sessões e ter que retornar na sessão seguinte: para tanto, parecia transformar-se numa espécie de espírito etéreo que ficava vagando por ali até o próximo horário, ocasião em que preferiria “baixar” no interior do consultório evitando assim os disabores dos encontros e desencontros humanos. De qualquer modo ao perceber-se em minha presença dentro da sala de atendimento, mostrava-se ansiosa e desajeitada; não sabia se olhava para mim ou para a janela, se me saudava ou se suspirava: sua aflição no entanto atingia o ápice quando se via impelida a ter que escolher uma posição no espaço relativo de nosso encontro. Por vezes, parecia que sua preferência seria ficar andando pela sala mas, não conseguindo sustentar esta opção, acabava se acomodando na poltrona situada em frente da minha. Em várias ocasiões expressou seu desejo de alojar-se de cócoras no canto da sala de costas para mim: em sua fantasia, seria esta a posição que lhe garantiria mais conforto e segurança. Só conseguiu usar o divã após vários meses de análise, porém sempre se queixava de fazê-lo a contragosto, precisando marcar sua impressão de que, naquele lugar, ela não passava de um corpo estranho. Ressalte-se, significativamente, que a maior parte das observações que acabo de fazer foram inferidas a partir de atitudes, comportamentos e posturas e, só raramente, complementadas por um ou outro comentário verbal.

Quanto a nossas conversas, sempre foram difíceis, arrastadas, reticentes e freqüentemente interrompidas no meio do caminho. Raramente mencionava algum sonho. Apesar disso, logo emergiu um padrão curioso em nossa comunicação já que ela me parecia uma espiã que precisava falar de modo cifrado e principalmente impessoal, de modo a impedir que sua identidade fosse reconhecida, o quê, imagino, poderia causar algum tipo de desgraça. Contratransferencialmente, esta atitude causava-me desconforto por sugerir uma sonegação de informação “despropositada”.

Gradualmente, foi se delineando um outro padrão em nossa interação caracterizado pela produção de situações abortadas, quer dizer, de processos que se iniciavam, às vezes até com aparente vigor, mas que logo a seguir se interrompiam deixando-nos mergulha-

dos num mar de decepção e/ou perplexidade. Isto ocorria com frequência quando eu mencionava algum novo assunto e ela invariavelmente soltava a exclamação "Vamos lá!" como que a exibir uma disposição permanente de enfrentar o desconhecido: o resultado era um anti-clímax pois ela produzia um comentário mecânico sobre o tal assunto mas o mesmo logo se evaporava, deixando-nos em contato com um vazio reticente. Numa ocasião, vivemos um processo de intensa sexualização da situação analítica, o qual acabou se interrompendo de forma atabalhoada ao final da sessão em função de sua impossibilidade de vislumbrar qualquer outra maneira de encaminhar a situação que não fosse a consumação de um ato sexual real. Após este episódio a sexualidade foi praticamente banida de nossos encontros e, numa ou outra ocasião em que ela timidamente se insinuava, a impressão era de ser deixada de lado face à sua impossibilidade de aproveitá-la de uma maneira construtiva.

Um terceiro padrão que gostaria de mencionar era a quase absoluta falta de impulsos hostis ou agressivos em relação à minha pessoa: raras vezes, ao sair de uma sessão mais difícil, encenava uma batida de porta raivosa ou então, em sessões subseqüentes, me informava ter ficado muito brava comigo. O importante, no entanto, é constatar que eu nunca me senti atacado ou agredido por ela.

Estas informações preliminares pareceram-me necessárias para uma melhor compreensão do material clínico que se segue. A configuração emocional que pretendo destacar inicia-se numa sessão em que a analisanda chega mancando e ainda de pé, faz, como de hábito, um comentário que eu não entendo direito apesar de supor ter ouvido a palavra *obstáculo*, que eu estranhamente associo com uma queda de cavalo já que ela nunca mencionara dedicar-se a qualquer atividade equestre. Menciono a minha vivência mas ela explica que se machucara tentando entrar numa banheira: eu novamente tenho uma associação insólita pois a imagino tentando transpor uma borda de banheira que mais parecia um muro. Entrementes, ela comenta que não conseguia por o pé no chão mas que podia andar usando um salto alto. Passa a falar do sonho que tivera na véspera de uma briga terrível com o marido: sonhara *com um carro que se chocava violentamente contra um muro causando explosões e mortes*. Sua sensação ao acordar é que tinha se libertado de algo importante... no entanto, no dia seguinte ela provocara um desastre brigando com o marido e ausentando-se de casa... (Neste instante sou tomado por um forte sentimento de estar diante de uma oportu-

nidade única, já que ela produzia associações consistentes e elucidativas sobre o episódio. Sinto-me porém impotente para reter tudo aquilo que me estava sendo fornecido e, para minha perplexidade, tenho um impulso irrefreável de anotar o que ela estava me dizendo, coisa que nunca ocorrera anteriormente em décadas de vida profissional como analista. Tendo encontrado uma caneta embaixo de minha cadeira, lanço mão de um catálogo velho e passo a anotar taquigraficamente o seu fluxo verbal copioso.) Ela agora está falando de um outro sonho onde ela se *encontrava numa casa cheia de salas, todas ocupadas por pessoas que estavam aprendendo a desenhar pessoas... alguém a chama numa sala e insiste para ela desenhar... fica emocionada de estar diante de uma folha em branco e relembra o medo que sentia na infância quando se metia a desenhar...* Passa a questionar a presença da casa no sonho... era uma casa antiga que já aparecera em outros sonhos... há uma enorme rampa que desemboca numa sala (Eu associo com um comentário recorrente no início da análise de que *precisaria* construir uma casa para si que já existia em sua mente: um dia trouxe-me um desenho desta casa onde também existia uma enorme rampa desembocando num hall de distribuição). Comenta que estas imagens oníricas têm muita vivacidade e associa isto a um processo de *retomada de realidade* (sic) já que sua impressão é de estar conseguindo juntar peças de um quebra cabeças de uma maneira construtiva. Acha, no entanto, que para reter esta capacidade seria preciso associar o significado daquela casa com algo bom... caso contrário corria o risco de ficar se alimentando de sonhos, ou então de concretizar a destruição representada nos sonhos, como fizera ao brigar com o marido. Lembra-se que numa ocasião munuiu-se de um spray e grafitou todo o interior de sua casa com exceção dos quadros. Declara-se presa de um círculo vicioso: sonho, realidade, sonho, e reclama que eu estava sempre tentando lhe puxar para a realidade.

Alguns dias depois temos uma outra sessão que me pareceu interligada a esta que acabo de descrever. A sessão novamente se inicia com ela murmurando algo ainda de pé, sem que me fosse possível escutar. Acomoda-se no divã e então fico sabendo que tinha comentado que eu deveria sentar-me logo para começarmos a sessão. Tentamos fazê-lo mas esbarramos nas dificuldades habituais: falta de associações, queixas vagas sobre problemas não resolvidos, sobre o cansaço de fim de ano, e assim por diante. Comento que seu comentário de que eu deveria sentar-me logo poderia ser um bom ponto

de partida para uma conversa nascida no calor de nosso encontro. Ela porém mantém seu estado de imobilidade psíquica fazendo-me sentir que a “fonte de associações” que acabáramos de descobrir já estava cercada por uma muralha ou mesmo ladeada por uma lâmina cortante prestes a seccionar qualquer associação que se esboçasse, como uma espécie de guilhotina.

Percebo que está aflita com o travamento da situação: produz então o que eu chamaria de uma falsa associação, quer dizer, qualquer coisa que lhe veio à mente com a função de preencher o vazio que a incomodava. Ela reconhece sua impossibilidade de levar adiante a experiência vivida por nós no início da sessão: ao tentar se expressar, percebo que hesita como que a procurar o termo adequado; eu intuo que o termo procurado e não encontrado era “dar seqüência”; ela reconhece que esta expressão não constava de seu dicionário. Pergunta-me o porquê desta sua impossibilidade e eu de imediato evoco uma ponderação teórica comigo mesmo de que provavelmente deveria ser consequência de alguma falha estrutural na constituição de sua psique (note-se que isto ocorreu antes que eu tivesse notícia sobre as idéias de Anzieu e col. sobre o envoltório psíquico).

Neste momento, sai de sua letargia e menciona com inusitado entusiasmo que gosta muito de tomar sorvete. Explica ter tido um sonho no qual *segurava uma casquinha de sorvete mas não conseguia tomá-lo pois ela estava toda furada e, além do mais, em vez de conter sorvete, estava cheia de leite. Era uma situação angustiante pois o líquido escapava pelos orifícios até que finalmente ela encontrou uma solução pois percebeu que no finzinho do cone ficava um pouco de líquido que se parecia com um bichinho minúsculo*. Vejo-me neste momento às voltas com uma reflexão racional acerca de sua “solução”: parecia-me evidente tratar-se de uma solução mágica, provavelmente calcada na expectativa de que só um “bichinho líquido amestrado” poderia escapar à força de gravidade e entrar em sua boca sem escoar pelos orifícios.

Curiosamente, esta imagem da casquinha de sorvete furada sugeria com bastante expressividade uma falha estrutural na constituição de sua concepção do seio, já que a existência de um continente furado implica na impossibilidade de acumular contiguamente “elementos de significado” que, ao serem posteriormente nomeados, poderiam gerar *seqüências de significado*. Se pensarmos nos termos do trabalho onírico-alfa proposto por Bion, o

ideograma produzido neste caso é o de um “seio-ralo” ou se quisermos, de um “continente-ralo” que permite o escoamento de todo e qualquer significado.

Duas sessões após, retomamos a questão da “falha estrutural” e eu lhe apresento uma reflexão que me parecera uma elaboração daquele assunto. Sugiro que o cone cheio de leite representava um seio invertido e que a fórmula mágica do “bichinho líquido” seria provavelmente uma defesa contra sua agressividade oral a qual, inevitavelmente, estaria propensa a morder a ponta do cone, ou seja o mamilo, para apossar-se com violência do restinho de líquido ali sequestrado.

Ela associa dizendo ter mania de morder tudo que lhe cai nas mãos como canetas, chaveiros, e coisas que tais. Enquanto ela me conta isto, pondero comigo que, estranhamente, isto não ocorria na nossa experiência psicanalítica: imediatamente porém, percebo que isto não era verdade já que poderíamos perfeitamente inferir que ela estava o tempo todo “mordendo”, e portanto mutilando, suas associações nascentes.

Apresento-lhe estas idéias e ela quase que reflexamente me pergunta qual a explicação para esta sua mania de ficar mordendo as coisas: eu, por meu turno, mais uma vez sinto-me contratransferencialmente irritado com esta sua intolerância de manter-se em contato com uma situação nova e desconhecida. Ela praticamente “lê” meus pensamentos-sentimentos e mais uma vez, lamenta sua dificuldade em poder agüentar o desconhecido.

Lembra-se então de uma velha compulsão que a impele, sempre que as coisas andam mal em seu casamento, a buscar uma relação sexual extra-conjugal. Interpreto-lhe que, se transferíssemos o modelo do “seio furado” para a situação do momento, poder-se-ia dizer que ela estava com medo que as idéias seminais que eu estava lhe transmitindo sexualmente pudessem se escoar pelos orifícios de sua mente-vagina defeituosa, induzindo-a a buscar, fora de nossa relação, outro analista que pudesse melhor satisfazer suas necessidades de retenção das idéias germinais. Desta vez, sinto que ela finalmente consegue ficar em contato com aquilo que acabara de ouvir.

12) O encapsulamento autístico

Didier Houzel (1987) nos lembra que pelo fato da Psicanálise ter se iniciado pelo estudo das neuroses, os analistas se ocuparam

muito dos conteúdos do psiquismo, como as representações de coisa e de palavra, as fantasias inconscientes, os objetos internos e assim por diante, descuidando-se do estudo do continente do psiquismo. O desenvolvimento da psicanálise de crianças autistas bem como de pacientes psicóticos e "borderline", incrementaram os estudos das estruturas limitantes, envoltentes e continentes. Apesar de vários analistas terem estudado o autismo (Haag, G. 1985, 1992, Meltzer et. Al. 1975, Klein, S. 1980) acho que foi Frances Tustin quem mais contribuiu para seu esclarecimento com seus conceitos de *objetos autísticos* e *formas autísticas*. De fato, ameaçadas de se dissolverem, as crianças autistas reagem formando uma capsula artificial, pela interferência de objetos autísticos sólidos ou então de formas autísticas tranquilizadoras. Deste modo, buscam uma falsa proteção para suas vivências de não-existência conseqüentes à falta de uma pele contensora viva e palpitante: este artifício é um mero supressor de seus sofrimentos, levando a um "engarramento" de suas explosões de mágoa e raiva.

Em seu último livro (Tustin, F. 1992) ela introduz a noção de uma "concha protetora" a partir da experiência com um paciente que constrói uma roupa-armadura de papelão: em função deste artefato, os objetos passam a ser definidos por suas superfícies externas sensoriais e a noção de interior passa a ser ou negativa, ou secundária, por constituir um espaço margeado por superfícies externas. Em função disto, os interiores são rasos, vazios ou preenchidos com substâncias degradadas: isto concorda com a visão de Meltzer (1975) de que, na bi-dimensionalidade, há uma restrição da imaginação pela falta de um espaço interno onde possa ocorrer a fantasia como ação de ensaio e, depois, como pensamento experimental. A hiper-definição das superfícies corporais através do encapsulamento, aumenta a sensação de alienação da criança pois esta se sente possuindo um buraco negro no centro de seu ser.

Foram estes tipos de dados que estimularam os estudos de D. Anzieu e colaboradores (1987) a respeito dos envoltórios psíquicos.

13) Os envoltórios psíquicos

Como vimos, já no Projeto, Freud (1895) define o Ego como uma instância metapsicológica, dando-lhe o significado de uma estrutura continente e limitante. D. Anzieu foi o primeiro a utilizar o

termo envoltório psíquico (*enveloppe psychique*) em seus artigos de 1974, *O Eu-Pele*, e de 1976, *O Envoltório Sonoro do Self*. Em 1987 escreveu com vários colaboradores o livro *Les enveloppes psychiques*, onde o envoltório psíquico é definido como o plano de demarcação entre mundo interior e mundo exterior. Suas principais funções seriam: contenção dos objetos internos, proteção do psiquismo de uma energia exterior excessiva e estabelecimento de uma conexão entre os objetos do mundo perceptivo e do mundo interno.

Os traumatismos originários geradores de distorções nos envoltórios psíquicos derivar-se-iam de alterações nas oposições distintas primárias: sensoriais, cinestésicas e rítmicas. Como resultado teríamos deformações gerando encolhimento, ondulações, desgarramento, explosão e perfurações como no caso clínico mencionado.

Anzieu propõe um homomorfismo entre setting analítico e envoltório psíquico: tudo se passaria como se o paciente projetasse sobre o setting seu próprio envoltório psíquico. Com estes pacientes, a experiência analítica deveria permitir que eles vivenciassem as experiências estruturantes que não tiveram na primeira infância.

O passo seguinte (Anzieu 1994) é poder estabelecer uma correlação entre as alterações estruturais dos envoltórios psíquicos e os distúrbios de pensamento. Em resumo, Anzieu postula que as interdições definiriam os perigos externos, enquanto os interditos assinalariam os perigos internos. Todo interdito seria uma interface que separaria duas regiões do espaço psíquico, dotadas de qualidades psíquicas diferentes. O interdito de tocar por exemplo, constituinte básico da situação edípica nas vertentes incestuosa e parricida, passa a ser visto como elemento estruturante fundamental do pensamento, através da função de holding do Eu-pele, precursora da função articuladora do Eu-pensamento.

14) - Em busca do espaço perdido

Bion, na introdução da primeira parte de sua trilogia *Uma memória do Futuro* (1991), significativamente denominada de *O Sonho*, adverte-nos que o livro contém mudanças de significado e de ritmo dificilmente detectáveis pelos modos humanos de pensamento, a não ser que este pensamento pudesse ocorrer num espaço similar ao astronômico. Um pouco adiante, no 8º “bloco de vivências” (modalidade localizadora equivalente àquilo que estamos acostuma-

dos a chamar de capítulos), somos confrontados com um exemplo prático desta dificuldade quando dois personagens inicialmente autônomos, Alice, a patroa, e Rosemary, sua empregada, após uma série de interações de ordem emocional, social, histórica, e assim por diante, fundem-se num só sujeito que passa desesperadamente a indagar sobre sua identidade. Resumirei a passagem para que possamos sentir o clima do esforço sobre-humano demandado por esta indagação. Diz Bion:

O sono desprovido de sonhos terminara. O dia estava tão vazio de eventos, ou seja, fatos intrínsecos à vigília, quanto a noite fora de sonhos. Refeições foram servidas a ambas as moças. Elas se deram conta de nada saber a respeito da comida: os "fatos" diurnos e noturnos pareciam defeituosos e mutilados. É como se elas produzissem sonhos mutilados aos quais faltasse uma dimensão, como um corpo sólido que fosse iluminado mas não projetasse sombra. Já não se podia distinguir o mundo da realidade e dos fatos, daquele dos sonhos, da inconsciência e da noite. O universo norteadado pela discriminação ficara substituído por pensamentos com e sem pensadores⁸.

⁸ Os trechos transcritos foram traduzidos livremente pelo autor.

Após este intróito cenográfico, Bion descreve a crescente indiscriminação entre Alice e Rosemary, fruto da progressiva conscientização da relatividade dos valores, do tipo de educação, status social, etc. À medida que Alice vai se extasiando com os dotes de uma Rosemary que ela antes não reconhecia, esta vai ficando perplexa diante da situação inusitada e aceitando com temor e relutância sua "equivalência mental" com a ex-patroa.

Alice levanta os olhos aos céus em atitude de adoração e indaga: *Quem és tu? Será que não conseguirei te ver do jeito que tu és?* (Nesta altura, torna-se claro que a indagação aflita a respeito da natureza do objeto confunde-se com a indagação a respeito da natureza dela-mesma). O diálogo intermitente que se segue é impressionante por sua qualidade onírica:

— *Sou o que sou. Sou Deus e o Demônio. Sou o fogo infernal. Sou o fogo venerado por todos os homens. Sou Manon⁹. E este quem é?*

— *Sou a disputa. Fui eu que enviei Deus contra Manon. Enviei a vulva contra o pênis, o continente contra seu contido. Eu induzi o descarnado a devorar o carnudo. E tu, quem és?*

— *Sou o sonhador. Sou eu quem sonha o sonho. Sou o covil no qual fui enterrado. E tu, quem és?*

⁹ Este nome que sem sírfaco significa "o Deus das riquezas", foi usado por Milton para designar um dos generais de Satã.

— *Sou o pensamento que encontrou um pensador. E tu, quem és?*

— *Sou o ladrão que te droguei para que tu não desses conta de estar sendo conceitualizado. [...] Para que não percebesse que a direção na qual estavas sendo roubado ia do nada até a inconsciência, até o sono, até o sonho, até pensamentos de vigília, até pensamentos oníricos, até a nulidade, até o zero, até o Ó = Oh! , até o círculo que é a imagem de um buraco, ou de uma boca ou vagina voraz que busca a liberdade perfeita, que é a morte como perfeita liberdade, que é o diapasão perfeito, ou a cor absoluta, ou a Vida Eterna, ou a Morte Eterna, ou o Moto Perpétuo, ou a Inércia Perpétua, ou o Espaço Absoluto, ou o espaço mental espaçóide no qual existem objetos tão compactos que são como as anãs brancas, ou tão dispersos e raros que só podem ser apreendidos por meios finitos como a Lei de Poisson que governa os eventos infreqüentes, ou um espaço tão absoluto que sua vida mental fica destruída como num corpo que se torna anêmico porque a mente se perde como o sangue num corpo cujos capilares são tão vorazes que não sobra sangue para o resto. Quem és tu?*

Resumo

Este trabalho nasceu do impacto causado pela afirmação de Bion de que, em sua experiência, o que poderia melhor caracterizar a invariante sob psicanálise, seria a noção de espaço. Em seu entender, a personalidade não-psicótica lida com o espaço ocupado por não-objetos através do pensamento enquanto a personalidade psicótica, impossibilitada de fazê-lo, projeta os sentimentos não-pensados, num espaço pluri-dimensional.

O mapeamento deste “espaço psicótico” demanda um tipo de apreensão que se estenda de uma infinitude macrocômica afim ao espaço astronômico, até a uma infinitude microcômica, como a do oceano virtual das partículas sub-atômicas.

Os modelos cunhados por Freud para descrever a topografia do psiquismo guardaram sempre, ao longo de sua obra, uma evidente conotação espacial. Os estudos de Federn a respeito das fronteiras do Ego permitiram, por seu turno, uma compreensão metapsicológica sutil das reações egóicas à dor psíquica.

Com o advento das teorizações kleinianas a respeito do

mundo interno povoado por fantasias inconscientes, entramos num universo aparentemente reificado que gradualmente, no entanto, foi revelando sua eficácia clínica na compreensão dos estados psicóticos e autistas. Na esteira de suas críticas à “concretude” kleiniana, Matte-Blanco viu-se obrigado a justificá-las através da proposição de um espaço psíquico multi-dimensional para contrapor-se à visão kleiniana de que o interjogo de introjeções e projeções ocorria tão somente num espaço euclidiano clássico.

Mais recentemente, a experiência com o autismo infantil alimentou a teorização a respeito dos *envoltórios psíquicos* desenvolvida por Didier Anzieu e colaboradores, a partir dos conceitos de *Eu-pele* e *Eu-pensamento*.

Para ilustrar a clínica do continente psíquico, um caso é apresentado em que perfurações estruturais do continente causaram um escoamento contínuo de todo e qualquer “elemento de significado”, gerando um estado psíquico de rarefação identitária.

Summary

This work was born under the impact of Bion's statement proposing the notion of space as the best way to outline the invariant under psycho-analysis. In his understanding, the non-psychotic personality deals with the space filled by non-objects through thinking while the psychotic personality, foreclosed of doing so, projects its unthought feelings in a multi-dimensional space.

The mapping of such a “psychotic space” involves a kind of apprehension that runs from a macrocosmic infinitude akin to astronomical space, to a microcosmic infinitude, as found in a virtual ocean of sub-atomic particles.

Freud's models in describing psychic topography throughout his work kept always a spatial connotation. Federn's studies concerning ego boundaries allowed, in due time, a subtle metapsychological understanding of ego reactions to psychic pain.

With the formulation of kleinian theorizations concerning the internal world full of unconscious phantasies, we reach an apparently reified universe which, nevertheless, has gradually revealed its clinical efficiency in the understanding of psychotic and autistic states. In the stream of his criticisms to kleinian “concreteness”, Matte-Blanco felt himself obliged to justify them through the proposition of an multi-dimensional psychic space, to counterbalance

the kleinian outlook that the interplay of projections and introjections occurred only in a classical Euclidian space.

More recently, the experience with child autism supported a theorization about psychic containers developed by Didier Anzieu et al., through his concepts of *I-skin* and *I-thinking*.

In order to illustrate the clinic of psychic container a psychoanalytical experience is shown in which structural perforations of the container caused a continuous leakage of every "elementary meaning", producing a psychic condition of identity rarefaction.

Bibliografia

Anzieu, D. et al. (1987) - *Les enveloppes psychiques*. Ed. Bordas (Paris). Trad.: *Las Envolturas Psíquicas* (Amorrortu editores, Buenos Aires, 1990).

Anzieu, D. (1989) - *O Eu-pele*. Ed. Casa do Psicólogo (São Paulo).

— (1994) - *LePenser: Du Moi-peau au Moi-pensant*. Dunod (Paris).

Bachelard, G. (1996) - *A Poética do Espaço*. Ed. Martins Fontes (São Paulo).

Beckett, S. (1970) - *Le Depeupleur* (em inglês *The Lost Ones*). Cit. in, *Le Penser: Du Moi-peau au Moi-pensant*, op. cit.

Bick, E. (1968) - *The Experience of the skin in early object-relations*. Int. J. Psychoanal. 49 (2/3): 484-86.

Bion, W.R. (1959) - *Attacks on linking*. In *Second Thoughts*, W. Heinemann (London, 1967).

— (1963) - *Elements of Psycho-analysis*. W. Heinemann (London).

— (1965) - *Transformations: Change from Learning to Growth*. W. Heinemann (London).

— (1970) - *Attention and Interpretation*. Tavistock Publications (London).

— (1991) - *A Memoir of the Future*. Karnac Books (London).

Britton, R. (1989) - *The missing link. Parental sexuality and the Oedipus Complex*. In Steiner J. (Ed.) - *The Oedipus Complex Today: clinical implications*. Karnac Books (London).

Buarque de Holanda, S. (1992) - *Visão do Paraíso*. Ed. Brasiliense (São Paulo).

Cassé, M. (1993) - *Du vide et de la création*. Ed. Odile Jacob (Paris).

Eigen, M. (1993) - *The Psychotic Core*. Jason Aronson Inc. (New Jersey).

Ende, M. (1984) - *HOR*. In *O Espelho no espelho: um labirinto*.

Ed. Marco Zero (São Paulo).

Federn, P. (1952) - *Ego Psychology and the Psychoses*. Edited by Edoardo Weiss. Basic Books (New York).

Freud, S. (1895a) - *Extracts from the Fliess papers* (págs, 206-12). The Standard Edition of The Complete Psychological Works Of Sigmund Freud: vol. 1. The Hogarth Press (London).

— (1895b) - *Project for a Scientific Psychology* (págs. 283-92). S.E. op.cit., vol.1.

— (1895c) - *Studies on Hysteria*. S.E. op. cit., vol. 2.

— (1900) - *The Interpretation of Dreams*. S.E. op. cit., vols. 4-5.

— (1911) - *Psycho-Analytic Notes on an Autobiographical Account of a Case of Paranoia*. S.E. op. cit., vol. 12.

— (1920) - *Beyond the Pleasure Principle*. S.E. op. cit., vol. 18.

— (1923) - *The Ego and the Id*. S.E. op. cit., vol. 19.

— (1925) - *A Note upon the "Mystic Writing-Pad"*. S.E. op. cit., vol. 19.

— (1933) - *New Introductory Lectures on Psycho-analysis*. S.E. op. cit., vol. 22.

— (1938) - *Findings, Ideas, Problems*. S.E. op. cit., vol.23, pág. 300.

Green, A. e Dennet, J.L. (1973) - *L'Enfant de Ça*, Ed. Minuit. (Paris) Cit. In Green, A. (1988): *Narcisismo de vida-Narcisismo de Morte*, Ed. Escuta (São Paulo).

Green, A. (1975) - *O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico*. Publicado originalmente no Int. J. Psychoanal. Vol. 56. Tradução in, *Sobre a loucura pessoal* (1988), Imago Editora, (Rio de Janeiro).

— (1988) - *Sobre a loucura pessoal*. op. cit.

Grotstein, J. (1978) - *Inner Space: Its Dimensions and its Coordinates*. *Int. J. Psychoanal.* (1978) 59, 55.

— (1981) - *Splitting and projective identification*. Jason Aronson, (New York, Londres).

Haag, G. (1985) - *De l'autisme à la schizophrénie chez l'enfant*. *Topique*, 35-36, p. 47-65.

— (1992) - *Fear of fusion and Projective Identification in Autistic Children*, *Psychoanalytic Inquiry*, 13, 1.

Houzel, D. (1985) - *L'évolution du concept d'espace psychique dans l'œuvre de Melanie Klein et de ses successeurs*. In Melanie Klein *Aujourd'hui*, Ed. Césura (Lyon).

— (1987) - *Le concept d'enveloppe psychique*. In Les

Enveloppes Psychiques, op. cit.

Klein, M. (1930) - *The Importance of Symbol-Formation in the Development of the Ego*. In *Love, Guilt and Reparation and Other works (1921-1945)*. The Hogarth Press (London).

— (1946) - *Notes on Some Schizoid Mechanisms*. In *Envy and Gratitude and Other Works (1946-1963)*. The Hogarth Press (London).

Klein, S. (1980) - *Autistic phenomena in neurotic patients*. Int. J. Psycho-Anal. 61: 395-401.

Maistre, X. de (1989) - *Viagem à roda do meu quarto*. Ed. Estação Liberdade (São Paulo).

Matte-Blanco, I. (1975) - *The Unconscious as Infinite Sets: an Essay in Bi-Logic*. Duckworth (London).

— (1988) - *Thinking, Feeling and Being*. Routledge (London-New York).

Mello e Souza, L. (1995) - *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. Ed. Cia. das Letras (São Paulo).

Meltzer, D. e Harris, M. (1980) - *Les deux modèles du fonctionnement psychique selon M. Klein et selon W.R. Bion*. Rev. Franc. de Psychan., 44 (2): 355-67.

Meltzer, D., et al - (1975) *Explorations in Autism*. Clunie Press (Perthshire).

Meltzer, D. (1992) - *The Claustrum*. Clunie Press (Perthshire).

Money-Kyrle, R. (1961) - *Man's Picture Of His World*. Int. Univ. Press (1961).

— (1968) - *On Cognitive Development*. Int. J. Psycho-Anal. 49, 691-98.

Ogden, T.H. (1986) - *On Potential Space*. Int. J. Psycho-Anal. 66. 129-41.

Rozenberg, M. e Boraks, R. (1997) - *Mais alguém do Princípio do Prazer*: Trabalho apresentado na SBPSP em 6/11/97.

Schilder, P. (1935) - *The Image and Appearance of the Human Body*. Int. Univ. Press (New York, 1950).

Segal, H. (1957) - *Notes on symbol formation*. Int. J. Psycho-Anal. 38, 391-97.

Spence, J.D. (1986) - *O Palácio da Memória de Matteo Ricci*. Cia. das Letras (São Paulo).

Tausk, V. (1919) - *On the origin of the "influencing machine" in schizophrenia*. In R. Fliess (Ed.), *Psychoanalytic Reader*. Int. Univ. Press (New York, 1948).

Tustin, F. (1992) - *The Protective Shell in Children and Adults*. Karnac Books (London).

Winnicott, D.W. (1967) - *The location of cultural experience*. In *Playing and Reality*. Basic Books (New York).

— (1968) - *The use of an object and relating through identifications*. In *Playing and Reality* op. cit.

— (1971) - *The place where we live*. In *Playing and Reality* op. cit.

Luiz Carlos U. Junqueira F^o.

Rua Helena 170, conj. 123

Fone-Fax (011) 822-3060

CEP-04552-050 - SÃO PAULO - SP

O ESTUDO DO PÂNICO NA TRADIÇÃO PSICANALÍTICA: A CONTRIBUIÇÃO DE FREUD

Mário Eduardo Costa Pereira¹

Apesar da idéia amplamente difundida de que este seria um tema pertinente apenas à psiquiatria, na verdade, o estudo dos ataques de pânico não é estranho nem à história, nem à tradição da psicanálise. Ao examinar a evolução do pensamento psicanalítico, descobrimos que o interesse pelo pânico surge - e por vezes parece mesmo se impor - em certos momentos críticos da teorização da clínica especialmente quando se trata de determinar a especialidade dos estados ansiosos externos e incontroláveis, em relação àqueles que a angústia mantém ainda uma dimensão semiotizada, assinalando a proximidade do perigo.

Os principais autores psicanalíticos, a começar pelo próprio Freud, trouxeram em um momento ou outro de suas obras, contribuições explícitas para a compreensão desse estado afetivo, embora ainda estejamos longe de dispor de uma teoria estruturada que situe claramente o pânico em relação às demais formas da angústia. A questão de seu fundamento metapsicológico próprio, por ainda não ter sido suficientemente elaborada, mantém-se em aberto.

Ao que tudo indica, o primeiro texto tratando especificamente do pânico à partir da psicanálise é o artigo "Pan und Pan-Komplex", escrito pelo húngaro Bela Felszényi e publicado em 1920, na revista *Imago*². Freud cita este trabalho no exame que faz do pânico em *Massenanalyse und Ichpsychologie*, de 1921, qualificando o texto de "um tanto extravagante". Apesar desse comentário depreciativo, a concepção freudiana sobre o pânico foi fortemente influenciada pelas idéias expostas naquele artigo.

De fato, tal como Freud faria mais tarde, o estudo de Felszényi baseou-se sobre a análise da natureza polissêmica do termo *Panik*³ e sobre uma proposta de interpretação psicanalítica das diferentes versões do mito de Pã. O autor húngaro propõe que o pânico constitui essencialmente um estado de desorganização e de caos psíquico. Tal ponto de vista, ao contrário do que se poderia pensar, está

¹ Psicanalista, psiquiatra e professor do Depto. de Psicologia Médica e Psiquiatria - UNICAMP. Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Paris 7, Diretor do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da UNICAMP.

2 B. FELSZÉNYI - "Pan und Pan-Komplex", p. 1-40.

3 Sobre o estudo que Freud faz da palavra alemã *Panik*, remetemos a nosso artigo: M. PEREIRA - "A palavra 'pânico' ou Da polissemia como método", p. 55-78.

4 Cf., por exemplo, DUPUY, J.-P.
- *Introduction aux sciences
sociales: logique des
phénomènes collectifs.*

longe de ser evidente. Uma parcela significativa dos autores que trataram desse tema concebem o pânico não como constituindo um estado caótico, mas justamente ao contrário, como sendo uma forma paradoxal de organização⁴. A concepção de Felzégthy faz dele um dos principais defensores do pânico, concebido como fenômeno psíquico de “pura perda”, esgotando-se em sua própria ocorrência e não podendo ser interpretado mais adiante.

Foi também de Felzégthy que partiu a idéia, posteriormente desenvolvida por Freud, da continuidade estrutural entre o pânico da multidão e do indivíduo. Segundo o psicanalista húngaro, este estado afetivo, pode ser desencadeado, por motivos “latentes” e “inconscientes” tanto numa massa quanto num indivíduo. Como sabemos, isto irá constituir o eixo principal da argumentação freudiana que interpreta o pânico, sob todas as suas formas, como um fenômeno de liberação repentina de uma grande quantidade de investimentos libidinais até então organizados em torno de uma instância suprema, erigida em ideal. Dessa forma, o artigo de Felzégthy anuncia e constitui o germe do pensamento freudiano sobre este tema, devendo ser reconhecido como o fundador dos debates psicanalíticos sobre o pânico, não obstante o esquecimento relativo no qual caiu ulteriormente.

A inscrição do tema do pânico na teoria freudiana: o campo do “Angustiante” [das Ängstlichen]

Para Freud, o pânico é determinado de modo específico em relação a outros fenômenos ansiosos, todos eles increvendo-se dentro de um vasto campo psicopatológico que ele chama de “o Angustiante” [das Ängstlichen]. No pensamento de Freud, o angustiante constitui uma noção ampla que reúne fenômenos heterogêneos ligados à angústia [Angst], tais como o sinal de angústia, o terror [Schreck]; o horror [Grauen], o sentimento de inquietante estranheza [Das Unheimliche] e, o caso que aqui nos interessa, o pânico [Panik].

De fato, desde os primeiros textos freudianos, os ataques repentinos e incontroláveis de angústia eram concebidos num plano psicopatológico distinto de outras formas ansiosas. É assim que, por exemplo, na época dos estudos sobre a neurose da angústia [Angstneurose], Freud não confundia os “acessos de angústia” [Angstanfälle] com os estudos ansiosos mais crônicos e flutuantes

[*Angstzustände*].

O próprio princípio de distinguir subcategorias no interior do campo do “angustiante” [*Ängstlichen*] vê-se explicado logo do início de um dos textos fundamentais para a teoria da angústia e que busca precisamente caracterizar uma dessas formas específicas do angustiante.

A inquietante estranheza [*Das Unheimliche*], de 1919:

*“O tema do ‘estranho’ [...] relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador - com o que provoca medo e horror [Schreckhaften, Angst- und Grauenregenden]; certamente, também, a palavra nem sempre é usada num sentido claramente definível, de modo que tende a coincidir com aquilo que desperta o medo em geral. Ainda assim, podemos esperar que esteja presente um núcleo especial de sensibilidade que justificou o uso de um termo conceitual peculiar. Fica-se curioso para saber que núcleo comum é esse que nos permite distinguir como ‘estranhas’ [ein Unheimliches] determinadas coisas que estão dentro do campo do que é amedrontador [Ängstlichen]”.*⁵

O terreno do angustiante [*Ängstlichen*] não é portanto, segundo Freud, monolítico e homogêneo. Ao contrário, nele podem-se determinar categorias mais específicas fundamentadas sobre este fundo comum de angústia. O texto alemão é ainda mais explícito: *“Man möchte wissen, was dieser gemeinsame Kern, der etwa gestattet, innerhalb des Ängstlichen ein “Unheimliches” zu unterscheiden*”. Trata-se portanto, de distinguir para além do “núcleo” [*Kern*] comum a todos os fenômenos de natureza ansiosa, os elementos psicopatológicos particulares a cada um dentre eles, exatamente como no artigo citado onde Freud busca delimitar os fundamentos próprios da inquietante estranheza [*Das Unheimliche*]⁶.

Em relação à questão específica do *Unheimliche*, Freud procurará introduzir certos matizes e discriminações dentro do campo do aterrorizante, do assustador [*Schreckhaften*], de modo a mostrar o que caracteriza a experiência afetiva da inquietante estranheza:

“[...] o estranho [das Unheimliche] é aquela categoria

5 Sigmund FREUD, [1919] - “O estranho”, Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud.

6 Mais recentemente, tal como Freud, Donald Meltzer foi levado a introduzir distinções no campo do terrificante pela separação em categorias específicas como a de “terror” [*Terror*], de “persecução” [*Persecution*] e de “temor” [*Dread*]. D. MELTZER - “Terror, persecution and dread”, In *Sexual States of Mind*, 1973, p. 99-106.

7 Sigmund FREUD - *O estranho*,
op. cit.

do assustador [Schreckhaften] que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar".⁷.

Freud é assim levado a propor que os sentimento de inquietante estranheza [*das Unheimliche*], comporta uma dimensão psicopatológica específica, distinta de outros fenômenos ansiosos e passível de ser evidenciada pelo exame psicanalítico do *Sprachegebrauch* e da literatura. Ele mostra que a *Unheimliche* constitui ao mesmo tempo uma forma do *heimliche*, do familiar, oriunda da emergência inesperada do recalcado, ou seja, do esquecido, no campo da consciência, o que é então vivido como inquietante e estranho.

O sentimento de inquietante estranheza implica imediatamente uma reflexão sobre o problema do eu e do duplo idêntico a ele. Este movimento incessante de desdobramento/redobramento do eu questiona as tentativas dessa instância psíquica em constituir-se como sede absoluta da subjetividade. A inquietante estranheza desvenda o caráter de engodo imaginário do eu, diante da ilusão de sua completude. A emergência do outro, estranho ao eu - um antigo familiar caído no esquecimento - está à base deste abalo. Na *Unheimliche*, o recalcado reaparece nos domínios da imagem-própria do eu, perturbando de forma decisiva as certezas do sujeito quanto a si mesmo. Pierre Fédida descreve esta propriedade da inquietante estranheza de questionar a imagem e o visual dizendo respeito ao corpo próprio:

"[...] a Unheimliche é a forma tomada pela angústia do recalcado regressando num atual visual do familiar [...]".⁸

No entanto, a tendência de Freud a distinguir rigorosamente diferentes categorias do terrificante não deve ser levada longe demais, nem de modo absoluto. Se considerarmos, por exemplo, um texto tal como "A cabeça da Medusa", onde ele trata do tema do horror [*Grauen*], é possível notar nele o uso indiscriminado que Freud faz dos dois termos - terror e horror - designando os estados de angústia extrema, e isto, apesar da precisão habitual com a qual ele usa os seus conceitos, fiel ao seu princípio de que ceder quanto às palavras é começar a ceder quanto às coisas.

Neste escrito, o comentário inicial anuncia desenvolvimentos sobre a problemática específica do horror:

⁸ P. Fédida, "L'angoisse dans le contre-transfert ou l'inquietante étrangeté du transfert", p.179.

“Nós não temos tentado com freqüência a interpretação de figuras mitológicas individuais, mas quanto à cabeça cortada da Medusa produzindo horror [Grauen], ela está ao alcance da mão”⁹

E no entanto, logo em seguida, neste mesmo texto surge o termo “terror” [*Schreck*] precisamente onde era de esperar a palavra “horror”:

“Decapitar = castrar. O terror de Medusa [der Schreck der Meduse] é assim um terror de castração [Kastrationschreck] ligado à visão de alguma coisa”¹⁰

Mesmo levando-se em conta o fato desse texto só ter sido publicado após a morte de Freud, e aparentemente sem revisão, parece bastante claro que para este, a distinção nítida entre *Schreck* e *Grauen* não tinha importância decisiva para a elaboração psicanalítica que ele se propunha levar adiante.

Este mesmo tipo de deslize terminológico pode ser notado em outros textos onde o tema do horror volta a ser tratado. Na “Revisão da doutrina do sonho” (1932), por exemplo, num trecho evocando a imagem da cabeça da Medusa, Freud usa mais uma vez os termos *Schreck* e *Grauen* quase indiscriminadamente. Aí também Freud fala antes de um terror da castração [*Kastrationsschreck*] e não do *horror da castração*, nem mesmo do *horror diante da castração*, como seria de se esperar:

“Segundo Abraham (1922), uma aranha, em sonhos, é um símbolo da mãe, mas da mãe fálica, a qual tememos [sich fürchtet]; assim, o medo [Angst] de aranhas expressa temor do incesto materno [den Schrecken vor dem Mutterinzest] e horror [Grauen] aos genitais femininos. Os senhores sabem, talvez, que a criação mitológica, a cabeça da Medusa, pode ser atribuída ao mesmo motif do medo de castração [Kastrationschreck]”¹¹

Esta permeabilidade que encontramos tanto na língua comum, quanto no uso freudiano entre os termos designando tais estados afetivos, advertem de saída contra qualquer tentativa de levar as distinções nesse campo a extremos e de modo artificial.

Sem esquecer a prudência que tal constatação deve inspi-

⁹Sigmund FREUD, [1922], “La tête de la Méduse”, In Obras Completas de Sigmund Freud, tome XVI, p. 163. (A tradução é nossa, tendo sido comparada ao original alemão).

¹⁰ Sigmund FREUD [1919], “O estranho”, In Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

¹¹ S. FREUD [1932], “Conferência XXIX: Revisão da teoria dos sonhos”.

12 S. FERENCZI [1923], "Le symbolisme de la tête de la Méduse", p. 20.

rar, nota-se, no entanto, que as considerações freudianas sobre o horror [*Grauen*], tendem a referi-lo sobretudo à confrontação excessivamente crua do sujeito com a interdição do incesto e com a realidade da castração da mãe no contexto edipiano. Dessa forma, o afeto de horror aparece relacionado antes de mais nada à "impressão produzida pelo órgão feminino desprovido de pênis" (cf. trecho de "A organização genital infantil", onde Freud retoma a idéia central do artigo de Ferenczi¹², de 1923, sobre este mesmo tema). Freud interpreta a rigidificação do horror como sendo um modo para este sujeito - desestruturado por tal visão - de certificar-se que ainda tem seu órgão viril: "o corpo rígido = pênis em ereção". Evidencia-se assim a enorme ameaça que constitui para o sujeito a constatação de que aquilo que ele interpreta como uma castração faz parte do horizonte do possível. Aqui, como em Kierkegaard, a angústia e a confrontação com a dimensão do possível encontram-se indissociavelmente ligadas, desta vez sob a égide das incertezas relacionadas ao investimento narcísico no próprio corpo.

O horror remete também à problemática edipiana em sua dimensão estruturante: se a mãe é castrada e, portanto, desejante, o sujeito terá, então, de defrontar-se com uma dupla ameaça. Por um lado, ele descobre que o ser que ele supõe amá-lo e protegê-lo de modo onipotente (e com o qual identifica-se) não é afinal de contas, nem tão infalível e nem tão onipotente. O sujeito descobre-se sem garantias e confrontado a seu próprio desamparo.

Por outro lado, torna-se imperativo que ele coloque a questão do lugar que ele próprio ocupa no desejo de sua mãe, uma vez que esta não é totalmente completa. Esta resposta, como propõe Lacan, após Freud, não pode ser obtida fora da referência estruturante à constelação edipiana. É a introdução da referência paterna que liberta o sujeito do papel exclusivo de objeto da mãe.

É exatamente nessa perspectiva que Freud explica a incidência do horror na obtenção dos efeitos específicos da tragédia sobre o espectador, especialmente da tragédia prototípica do *Edipus Rex*: um encontro brutal e cheio de crueldade com os fantasmas infantis de incesto e de parricídio:

"Cada espectador foi um dia, em imaginação, um Édipo e se apavora diante da realização de seu sonho transposto em realidade; ele treme seguindo toda a medida do recalçamento que separa seu estado infantil de seu estado atual".¹³

13 S. FREUD, "La naissance de la psychanalyse".

Por ser sensível a esta dimensão estética própria do horror, o *Théâtre de la cruauté* proposto por Antonin Artaud constitui um eco surpreendente e perturbador da concepção freudiana sobre a especificidade ao mesmo tempo trágica e visual deste afeto:

*“Numa palavra, acreditamos que existem, no que se chama poesia, forças vivas, e que a imagem de um crime apresentada nas condições teatrais requeridas é para o espírito algo de infinitamente mais temível do que este mesmo crime efetivamente realizado”.*¹⁴

O horror aparece assim, com o seu estatuto estético particular: ele põe em cena a realidade da castração da mãe de um modo explícito e brutal, que paralisa por causa do seu caráter inaceitável para o eu. Ele comporta uma dimensão visual específica que se demarca dos elementos visuais observados em outros estados extremos de angústia como é o caso, por exemplo, do terror no qual precisamente faltam as imagens.

Neste sentido, Jean Laplanche¹⁵ define o afeto de terror exatamente por uma falta de dimensão representacional: nele, o fantasma está no seu mínimo e a realidade no seu extremo.

No entanto, mesmo nos estados de terror, pode constituir-se uma certa configuração visual mínima, que engaja o sujeito não numa cena estruturada de castração como no horror, mas antes numa confrontação direta e crua com “o olhar vazio da morte”, tal como evidencia a problemática freudiana da “hipnose de terror” [*Schreckhypnose*].¹⁶ Antes, no entanto, teremos de precisar a importância específica do afeto de terror na economia do aparelho psíquico segundo a perspectiva freudiana, de modo a extrair os fundamentos de sua evidente capacidade de fascínio e a separá-lo, na medida do possível, do pânico.

O terror e a angústia em psicanálise: “o homem defende-se do terror através da angústia”

A distinção freudiana, muitas vezes reiterada desde os primeiros textos, entre a angústia [*Angst*] e o terror [*Schreck*], demonstra por si só que o campo do angustiante não é homogêneo e que os termos nele implicados não podem ser empregados como sinôni-

¹⁴ A. ARTAUD, “Le théâtre de la cruauté”, p. 133.

¹⁵ J. LAPLANCHE, *Problématiques I - L'angoisse*

¹⁶ Para um estudo mais aprofundado da concepção freudiana sobre a hipnose por terror remetemos a nosso artigo: M. PEREIRA, La question de l'hypnose d'effroi, In *Revue Internationale de Psychopathologie*, (13):51-72, 1994, 13, p. 51-72.

17 Sigmund FREUD [1917],
 "L'angoisse" (trad. Francesa de S.
 JANKÉLÉVITCH), In
*Introduction à la
 psychanalyse*, p. 372.

mos, sem um mínimo de preocupação conceptual. Pelo contrário, Freud insistiu em várias ocasiões sobre este ponto: "[...] o homem defende-se do terror [*Schreck*] através da angústia [*Angst*]"¹⁷ indicando que os dois termos não têm o mesmo estatuto.

De fato, a primeira teoria da angústia - fundada em suas observações sobre as neuroses atuais e, mais particularmente, sobre a neurose de angústia [*Angstneurose*] - considerava este afeto como sendo resultante de uma excitação sexual não consumada, a qual, não encontrando representações sexuais ("libido psíquica"), capazes de permitir um trabalho de elaboração psíquica [*psychische Verarbeitung*] desta excitação, terminava por ser descarregada sob a forma de angústia.

Com a "reviravolta" de 1926, em *Inibição, sintoma e angústia*, a angústia passa a ser pensada segundo duas formas fundamentais: uma angústia cuja sede - e também, numa certa medida, a origem - é o eu, tendo, portanto, um aspecto essencialmente semiotizado: o "sinal de angústia"; e uma outra forma de angústia, desenfreada e invasiva, oriunda diretamente da vida pulsional e agindo sobre o eu sob forma de terror de aniquilação, uma vez que o aparelho psíquico não dispõe mais de meios para elaborar o afluxo brutal de excitações pulsionais que lhe chegam. Esta última concepção é a herdeira direta da teoria sobre a neurose de angústia, definindo uma forma incontrolável e terrível de excitação libidinal: a angústia automática [*automatische Angst*].

Neste sentido, *Inibição, sintoma e angústia*, constitui provavelmente a tentativa melhor acabada de Freud para situar o alcance metapsicológico de sua afirmação, segundo a qual o homem defende-se do terror pela angústia. Pelo sinal de angústia, o aparelho psíquico visa impedir esse jogo sexual insuportável e desnaturado que é a angústia automática. Para Freud, a angústia funda-se, em última instância, sobre a *Hiflosigkeit*, ou seja, sobre a condição fundamental de desamparo que caracteriza o funcionamento psíquico.

O termo *Schreck* - o terror - é empregado desde os primeiros escritos de Freud e inscreve-se em seu esforço de elaboração da teoria traumática da neurose. *Schreck* é exatamente o termo que ele usa para descrever, na parte intitulada "Psychopathologie", do "Projeto", de 1895, o estado afetivo de Emma quando esta, à época na sua puberdade, entra em uma loja e vivencia a experiência que desencadeará seus sintomas neuróticos. Aliás, na versão francesa, a palavra alemã *Schreck* é traduzida por *panique*; na edição brasileira, contu-

do, feita a partir da tradução inglesa, *Schreck* é traduzido por susto:

*“Emma acha-se dominada, atualmente, pela compulsão de não poder entrar nas lojas sozinha. Como motivo para isso, [apresentou], uma lembrança da época em que tinha doze anos (pouco depois da puberdade). Ela entrou numa loja para comprar algo, viu dois vendedores (de um dos quais ainda se lembra) rindo juntos, e saiu correndo, tomada de uma espécie de afeto de susto. [Schreckaffekt].”*¹⁸

Como mostra Jean Laplanche¹⁹, o termo *Schreck* insiste sobre a característica de não preparo e de transbordamento de excitação que submerge o eu num estado de angústia avassaladora. Neste caso, o sujeito encontra-se confrontado diretamente com o perigo mais extremo sem ter sido previamente preparado por um sinal de angústia. Tal é a essência econômica da situação traumática: o desamparo do aparelho psíquico frente ao aumento incontrolável da excitação pulsional.

Em *Além do princípio do prazer*, Freud retomará essa mesma distinção entre *Angst* e *Schreck* para mostrar que o traumatismo coloca em xeque o funcionamento do aparelho psíquico segundo o princípio do prazer, fazendo assim surgir a necessidade de um trabalho que reinstaure a primazia deste princípio. Nesse texto, Freud distingue mais uma vez a angústia que tem um valor semântico de “sinal” de perigo, da angústia da situação traumática, transbordante e sem limites (que será ulteriormente chamada de “angústia-automática”), que tem, como vimos, uma caráter de pura perda.

A noção de angústia automática, desenvolvida em *Inibição, sintoma e angústia*, virá reinscrever, no cerne da nova teoria, a antiga hipótese freudiana de que a angústia, sob sua forma mais fundamental, é pura descarga de energia libidinal acumulada e transformada. Em outras palavras, a angústia automática constituiria uma forma terrível de gozo sexual desenfreado, sem limites e, portanto, mortal²⁰.

Segundo a teoria que Freud apresenta em *Inibição, sintoma e angústia*, o nascimento constitui o protótipo [*Vorbild*] desse tipo de angústia na medida que esta experiência comporta um afluxo enorme de excitações libidinais, incontroláveis pelo aparelho psíquico excessivamente frágil do bebê.

¹⁸ Sigmund FREUD [1985], “Projeto para uma psicologia científica”, op. cit.

¹⁹ J. LAPLANCHE, *Problématiques I - L'angoisse*, op. cit.

²⁰ Este é o ponto de vista de Jean LAPLANCHE, segundo quem a *pulsão sexual de morte* constitui um gozo sexual caótico, não ancorado numa rede representacional.

Assim, e é isto que fundamenta a posição de Jean Laplanche, a angústia constitui antes de mais nada um ataque interno da pulsão, que dependendo do grau de simbolização (ou de elaboração psíquica, nos termos de Freud), capaz de organizá-la num plano representacional, torna-se mais ou menos traumática. A angústia e a pulsão formam, segundo este ponto de vista, os dois lados de uma mesma moeda.

Por outro lado, a noção freudiana de desenvolvimento de angústia [*Angstentwicklung*] sublinha a continuidade intrínseca entre a angústia-sinal, semiotizada e relativamente ancorada no eu, e a angústia-automática, espécie de invasão incontrolável de angústia.

Na primeira teoria, a angústia era concebida numa relação intrínseca com o desejo. Este desejo - fundamentalmente inconciliável - encontra-se inscrito no próprio corpo, de onde não pára de se fonte de excitação e busca de satisfação. O excesso do corpo, enquanto este é marcado pelo desejo, em relação às escassas possibilidades de figuração psíquica desse corpo libidinalmente investido é, provavelmente, a explicação melhor acabada que Freud dá para o problema da angústia²¹. Dessa forma, o nascimento fornece a Freud o protótipo [*Vorbild*] da condição que evidencia a radical implicação da sexualidade com o desamparo.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud propõe explicitamente que o desamparo [*Hilflosigkeit*] constitui o “núcleo, a significação da situação de perigo”. Mesmo a angústia de castração, organizadora sexual de todos os perigos, só encontra sua significação quando remete ao horizonte do desamparo da situação traumática.. Diferentemente de Rank, Freud quer mostrar que o nascimento não é prototípico da situação traumática em função da acidentalidade de sua ocorrência particular. Para Freud, o nascimento é o referente teórico que permite pensar a negatividade do desamparo face a positividade da excitação sexual.

Assim, a noção freudiana de “desamparo” [*Hilflosigkeit*], mais do que um acidente eventual na vida psíquica, remete aos limites da capacidade metafórica da linguagem, única capaz de tornar viável a experiência libidinal do corpo-próprio para um ser da cultura e inscrito na linguagem. Qualquer movimento do processo desiderativo encontra-se permanentemente confrontado com esses limites.. O desamparo, tal como Freud o concebe, não é uma condição acidental, mas, antes, inscreve-se como dimensão essencial do conjunto do processo psíquico para realizar esta tarefa.

²¹ Cf., por exemplo, a leitura feita por P. FÉDIDA das idéias de Freud em, notadamente, Sigmund FREUD [1937], “L’analyse avec fin, l’analyse sans fin” (trad. Francesa de J. ALTOUNIAN, A. BOURGUIGNON, P. COTET, A. RAUZY), p. 231-268.

Lacan desenvolve uma idéia semelhante em seu seminário sobre a angústia, 1961. Segundo LACAN, a angústia é o afeto resultante da proximidade do sujeito em relação ao objeto causa de seu desejo.

No que diz respeito, aqui, propomos que angústia e pânico constituem, para o sujeito, duas possibilidades afetivas diferentes de enfrentar o caráter necessário e insuperável desta condição de falta de garantias que funda, em última instância, toda a vida da alma²².

Até aqui, vimos que Freud concebe o campo do terrível como heterogêneo, mesmo se as continuidades entre as múltiplas categorias nele reunidas ultrapassam amplamente as diferenças. Entretanto, Freud busca estabelecer os aspectos distintivos de cada uma destas categorias, determinando suas especificidades do ponto de vista psicopatológico e metapsicológico. É exatamente neste contexto teórico que irá se inscrever a trajetória freudiana para delimitar a especificidade do pânico em relação às outras categorias do terrificante, tal como é esboçada em “Psicologia das massas e análise do eu”.

A discussão sobre o pânico em “Psicologia das massas e análise do eu”

No capítulo V de “Psicologia das massas e análise do eu” (1921), intitulado “Duas massas artificiais: igreja e exército”, Freud tratará explicitamente do fenômeno do pânico, chegando a apresentar uma teoria bastante completa sobre o tema. Freud realiza aí um apanhado fulgurante desse estado afetivo extremo, concebendo-o como uma tensão que ocorre entre o fundo de desamparo sobre o qual desenrolam-se todos os processos psíquicos e a função do pai, enquanto este é suposto ser a garantia das identificações e, por conseguinte, do mundo subjetivo simbolicamente organizado.

Naquele texto, o problema do pânico coloca-se para Freud em função de seu esforço por elucidar o enigma da constituição das massas humanas: como um grupo de seres fundamentalmente narcísicos e centrados em seus próprios interesses egoístas, consegue manter-se coeso e com uma coerência interna que subsiste a despeito das aspirações individuais? Ele busca demonstrar, na mesma trilha aberta por Felszégny que, do ponto de vista libidinal, as relações mantidas entre uma multidão e o seu líder são estruturalmente idênticas às que existem entre o hipnotizado e o seu hipnotizador. Aqui, a referência freudiana ao pânico visa demonstrar por uma via negativa, a natureza amorosa dos laços mantidos entre os elementos de uma multidão. Segundo Freud, é o amor de cada um para com o líder - erigido em figura ideal - o que garante a estabilida-

²² Cf. nosso artigo, M. PEREIRA, O pânico e os fins da psicanálise: a noção de ‘desamparo’ no pensamento de Lacan In *Revista Percurso*, (2): 29-36, 1997, p. 19.



de dos laços fraternos entre os indivíduos de uma tal massa. Desse ponto de vista, o pânico seria o resultado da súbita ruptura desse laço amoroso fundamental do líder, levando à ruptura da organização coletiva.

A analogia com a hipnose é clara. O líder - tanto quanto o hipnotizador - é investido de atributos ideais que condensam as aspirações narcísicas e de dependência, sejam as de um grupo, sejam as do hipnotizado, conforme o caso. A partir dessa ligação afetiva fundamental com o líder, os membros do grupo podem estabelecer uma vinculação estável e coerente entre eles. Dessa forma, a hipótese freudiana é a de que *entrar em pânico é o efeito imediato de uma drástica ruptura dessa estrutura libidinal, lançando o indivíduo subitamente ao vazio de seu próprio desamparo. Não há nenhuma garantia para as identificações que até então constituíam a matriz imaginária sobre a qual fundava-se o eu.*

Inspirado por Felszéggy, Freud sustenta que o desencadeamento desse fenômeno - seja na massa, seja no indivíduo - tem a mesma estrutura do ponto de vista da economia libidinal, isto é, ocorre em função da ruptura dos laços libidinais que ligam os diferentes elementos de um sistema. O caso da multidão é mais claro. Esta permanece integrada em função do laço amoroso que cada um de seus membros mantém com o líder, o que permite que eles desenvolvam um laço libidinal grupal. Os sentimentos cruéis também são desviados em direção ao exterior em função dessa relação amorosa fundamental com o líder. É devido a esse laço libidinal que as moções destrutivas são rejeitadas para fora do grupo.

Personagem ao mesmo tempo amado e temido, o líder - tal como o hipnotizador - encarna o pai onipotente, não castrado, cujo poder supostamente infalível indica com certeza o caminho correto e seguro a ser seguido. Não é por acaso, que as formas culturalmente construídas para designar tais personagens tendem a sublinhar esta atribuição de certeza na condução de seu povo: o Guia, o Konductor, o Pastor, o Führer ["O Condutor"], o Duce ["O que Conduz"], o Grande Timoneiro, etc. Reencontramos aqui o aspecto protetor e tranqüilizador do pai que traz garantias lá onde, de fato, não existe nenhuma.

A referência freudiana a Gustave Le Bon é muito reveladora neste particular, dado que as análises que este faz do papel e da personalidade do líder carismático são decisivas para a visão de Freud sobre o fenômeno coletivo. Segundo Le Bon, as características atri-

buídas ao líder constituem antes de mais nada “obras de pura imaginação. São narrações fantasiosas de fatos mal observados, acompanhados por explicações forjadas posteriormente”²³. Isto significa que, numa ampla medida, o líder tanto quanto o sonho, é uma criação psíquica que responde a desejos fortemente enraizados na alma humana²⁴. Além disso, Le Bon considera que a própria “vocalização” à liderança, através da qual um sujeito será colocado na posição de líder, já constitui por si mesma um efeito da “hipnose” exercida pelas aspirações da multidão: “O líder na maior parte das vezes foi primeiro um liderado, hipnotizado pela idéia da qual tornou-se apóstolo. Ela o invadiu a ponto que tudo desaparece fora dela e que qualquer opinião contrária parece-lhe erro e superstição”.

Correlativamente, existe na multidão um desejo de submeter-se a um líder que, na leitura de Le Bon por Freud, será considerado o produto tanto de um desejo sexual como de um terror do inominável, que só se tornam patentes quando da falta do líder. Estas duas vertentes são ligadas de forma inseparável.

O trabalho de Le Bon sugere, assim, uma dimensão sexual própria à multidão, o que pode esclarecer a extraordinária virilidade atribuída ao líder: segundo o autor francês, “as multidões, em todo o lugar são femininas...”²⁵, revelando não apenas a necessária característica fálica do líder, mas, também - e sobretudo - a dimensão de um gozo sexual próprio à submissão dos elementos de uma massa ao poder ilimitado do seu líder: “Não é a necessidade de liberdade, mas a de servidão que domina sempre a alma das multidões”, afirma Le Bon²⁶. O mestre é visto como uma figura fálica, poderosa, dotada de uma vontade forte de duradoura, capaz de submeter seus comandos e de oprimir e castigar até o extremo aqueles que contra eles ousarem se levantar. É destas características que a multidão espera a satisfação de suas aspirações de dependência. Masoquismo e vontade de submissão são portanto, elementos fundamentais das paixões coletivas.

Freud considera que a situação de pânico na multidão instaura-se como efeito do relaxamento da arquitetura libidinal organizada em torno da figura paterna e onipotente do líder. O pânico constitui, segundo ele, a manifestação visível da ruptura dos laços libidinais, o que acarreta a angústia mais desenfreada. Uma espécie de desligamento [*Entbindung*] extremo instaura-se subitamente. A decadência do ideal do eu coletivo encarnado pela figura do líder leva à dissolução dos laços que esta personagem sustentava, por sua própria pessoa, entre os indivíduos do grupo:

²³ G. LE BON [1895], *La psychologie des foules*, p. 24.

²⁴ *Ibidem*, p. 69.

²⁵ G. LE BON, *op. cit.*, p. 19

Sugerimos de passagem que esse aspecto específico de “desejo de submissão” à virilidade pode ajudar a esclarecer a situação clínica frequentemente evocada como “**pânico homossexual**”. Tal situação é caracterizada pela eclosão de um ataque de pânico frente ao medo de ceder às tentações e de se deixar levar por impulsos homossexuais quando exposto a ambientes particularmente excitantes, tal como - e é o exemplo prototípico - os dormitórios de soldados de um exército. Em nossa opinião, tal eclosão de pânico não pode ser completamente elucidada sem a referência às relações particulares dos soldados à figura excitante do superior, sargento ou capitão, que, não se encontrando normalmente no dormitório, encarna, no entanto, a referência estruturante do grupo.

²⁶ G. LE BON, *op. cit.*, p. 71

²⁷ Sigmund FREUD, *Psicologia das massas e análise do Eu*, In Sigmund FREUD - op. cit., p. 124. (A tradução foi ligeiramente adaptada por nós).

“A perda do líder, num sentido ou noutro, o nascimento de suspeitas sobre ele, trazem a irrupção do pânico, embora o perigo continue o mesmo; os laços mútuos entre os membros do grupo via de regra desaparecem ao mesmo tempo que o laço com seu líder. O grupo desvanece-se como poeira [...]”²⁷.

Freud esclarece, em seguida, a analogia que vê entre o pânico de uma multidão e aquele observado em um indivíduo: ambos são associados ao desaparecimento da coesão permitida pelos laços libidinais. Ou seja, para Freud, o pânico - compreendido em sua acepção mais geral - corresponde à instalação de uma condição de caos e ao desabamento de uma estrutura libidinal até então sustentada por uma imagem onipotente colocada no lugar de Ideal do Eu. Nas situações de desautorização e de perda súbita dessa referência estabilizadora, a unidade e a sobrevivência do eu-grupo vêem-se repentinamente abaladas e ameaçadas: não há mais garantias externas tranquilizando contra os perigos, organizando as relações amorosas, nem indicando o caminho certo a seguir. Para Freud, o pânico significa, portanto, desagregação e caos: “*Não se pode duvidar que o pânico significa a desagregação da massa*”.

Por mais esclarecedora que seja esta proposta freudiana, não encontramos nela a identificação de que o desabamento subjetivo efetuado no pânico possa gerar, correlativamente, o germe de uma nova estruturação mais aproveitável para o aparelho psíquico. Da mesma forma, não encontramos qualquer abertura que permita que o que se apresenta justamente como caos e desagregação no pânico poderia obedecer a certas determinações e inscrever-se, apesar da sua forma caótica, como um processo de simbolização *in status nascendi*. Entretanto, essas hipóteses justificam-se tanto do ponto de vista da experiência clínica, quanto da própria teoria psicanalítica. Observa-se, por exemplo, que indivíduos apresentando ataques de pânico freqüentemente conseguem estruturar em torno de suas crises uma organização hipocondríaca mínima, a partir da qual conseguem dar uma inscrição subjetiva (ainda que restrita ao plano corporal) para conflitos emocionais insuportáveis.

A questão subjacente ao que acabamos de propor pode ser assim explicitada: constituiria o pânico uma experiência de pura descarga, não remetendo a nenhum sentido ou, ao contrário, apesar de sua aparência desesperada, este estado afetivo extremo manteria ainda as-

sim uma ancoragem simbólica passível de engajar um processo de elaboração? Para responder a essa questão será preciso estabelecer uma precisão quanto à relação do pânico ao perigo. Evidentemente, como mostra Freud, todo perigo é de natureza fundamentalmente pulsional. Em última instância, qualquer perigo é perigo de esmagamento do eu pela invasão de uma quantidade incontrolável de pulsão. Entretanto, diferentemente da angústia (ou, mais precisamente, do *signal de angústia*), *no qual a emergência do afeto é proporcional à proximidade perigosa do objeto da pulsão*, o pânico pode instalar-se a partir da decadência daquilo que, até então, garantia imaginariamente a estabilidade do mundo. Ele origina-se da confrontação crua do sujeito com a mera possibilidade do perigo, sem poder esperar nenhum outro tipo de proteção transcendente. O sujeito descobre-se em pleno desamparo e confrontado com o afluxo de uma libido até então ligada pelo amor à essa instância-líder e que, de repente, desaparece como referência tranquilizadora.

A descoberta súbita e inaceitável de que, afinal de contas, não há garantias absolutas e que os perigos podem de fato realizar-se enquanto situações concretas de desamparo leva o sujeito ao pânico. Freud dá, neste ponto, o exemplo de um exército que pode manter-se em combate de modo organizado mesmo quando objetivamente a situação concreta lhe é muito desfavorável, conquanto persista a influência estabilizadora de seu general, ao passo que pode muito bem fugir inesperadamente, de modo totalmente desorganizado, mesmo em situação de superioridade, se o rumos da morte do seu líder espalhar-se entre suas linhas.

O sinal de angústia é constituído pela proximidade do “perigoso” enquanto tal, (ainda que, como propõe Lacan, o “perigoso” coincida com a causa do desejo) enquanto o pânico nasce da constatação insuportável da falta fundamental de garantias no que diz respeito ao mundo simbolicamente organizado, constatação para a qual ele não estava preparado. Vê-se, assim, que a reflexão freudiana sobre o pânico conduz imediatamente ao problema da determinação metapsicológica da categoria de “desamparo”.

A evolução do pensamento de Freud sobre o desamparo põe em evidência justamente que esta falta de garantias não é contingente ou acidental, mas inerente ao funcionamento psíquico e que esta capacidade protetora onipotente atribuída ao pai tem apenas uma consistência imaginária, respondendo ao desejo irrealizável de se dispor de certezas últimas sobre as quais fundar o mundo e,

correlativamente, uma imagem estável do eu.

Ao mesmo tempo, a teorização freudiana do pânico implica de modo quase necessário uma reflexão sobre o papel psíquico da religião e da crença num Deus onipotente que ama e protege todos os homens com igual amor. A figura de Deus entra precisamente lá onde o eu, em sua função reguladora das relações com o mundo e com a vida pulsional, não dispõe de nenhuma garantia sobre a qual assentar suas certezas.

Na seqüência de sua reflexão sobre o pânico, Freud passa a examinar - mais uma vez com a ajuda de um texto literário - a hipótese de que este "Deus" nada mais seria do que uma criação da alma humana frente a seu desamparo. Freud usa o livro de Guy Thorne, *When it is dark*, que fez muito sucesso quando da sua publicação em 1903. O livro conta a história de "uma conspiração dos inimigos da pessoa do Cristo e da fé cristã [que] consegue que se descubra em Jerusalém, uma câmara sepulcral, com uma inscrição onde José de Arimatéia confessa que, por motivos de piedade, retirou secretamente o corpo do Cristo do túmulo, no terceiro dia após a sua inumação, e enterrou-o ali. Isto acabaria de vez com a crença na ressurreição do Cristo e em sua natureza divina. A conseqüência de tal descoberta arqueológica constitui um abalo da cultura européia e um crescimento extraordinário de todas as violências e crimes, que só acaba após ser revelado o complô dos falsários". Decaído da sua condição de Ideal e de protetor onipotente dos homens, "Deus" é abandonado e a ruptura dos laços instaura-se na humanidade inteira. Desorganiza-se o ordem que regulamentava as relações amorosas (e odiosas) entre os homens e instala-se o caos. Tal é a essência do pânico na visão de Freud.

Os grandes textos do fim da sua vida sobre a cultura e a religião constituem para Freud sua tentativa melhor acabada de tornar inteligível, por detrás da necessidade de deuses, de ídolos e de verdades eternas imutáveis, uma condição essencial de desamparo oculto.

Assim, o estudo da contribuição de Freud ao tema do pânico leva-nos à seguinte conclusão: o pânico constitui uma das formas que o aparelho psíquico tem para enfrentar a condição de desamparo fundamental, inerente ao seu próprio funcionamento, enquanto este é um fato de linguagem, implicando a constituição de um corpo próprio, de uma matriz para as identificações e, conseqüentemente, de um mundo simbolicamente organizado.

Nesse sentido, o afeto de pânico não pode ser confundido

com um expressão direta da pulsão de morte, pois é do lado da vida que se entra em pânico: para evitar um mergulho no sem-sentido absoluto, o Eu entra em pânico, buscando desesperadamente “fazer alguma coisa”, uma vez que não encontra mais nenhum “Outro” que sustente a organização simbólica de seu mundo. A expressão corporal desse desamparo passará a constituir a ancoragem hipocondríaca para uma tentativa de ressignificação subjetiva e a origem de um apelo urgente para que um novo “Outro” - líder e mestre absoluto” passe a se ocupar desse eu que não pode conceber uma existência sem o aval de um fiador absoluto.

BIBLIOGRAFIA

- ARTAUD, A. “Le théâtre de la cruauté”. In *Le théâtre et son double*
- DUPUY, J-P. *Introduction aux sciences sociales: logique des phénomènes collectifs*.
- FÉDIDA, P. “L’angoisse dans le contre-transfert ou l’unquiétanté étrangeté du transfert” 1992.
- FELSZÉHY, B. *Pan und Pan-Komplex*
- FREUD, Sigmund. “O estranho”. In *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*.
- _____ “Conferência XXIX: Revisão da teoria dos sonhos” In *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, 1997
- _____ “La tête de la Méduse”. In *Obras Completas de Sigmund Freud*, tome XVI, 1991.
- _____ “La naissance de la psychanalyse”. In *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, 1997.
- _____ “Projeto para uma psicologia científica”. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*.
- _____ “Psicologia das massas e análise do Eu”. In *Obras Psicológicas Completas*, vol. XVIII.
- LAPLANCHE, J. *Problématiques - L’angoisse*, 1981.
- LE BON, G. *La psychologie des foules*.
- MELTZER, D. “Terror, persecution and dread” In *Sexual States of Mind*, 1973.
- PEREIRA, M. La question de l’hypnose d’effroi. In *Revue Internationale de Psychopathologie*, 1994.
- _____ O pânico e os fins da psicanálise: a noção de ‘desamparo’ no pensamento de Lacan., 1997.

A CRIANÇA PURA, O PROFESSOR-LIBERTINO E O FILHO IMAGINÁRIO

Marcia Simões Corrêa Nader Bacha¹

¹ Psicanalista, Doutora pela PUC/SP e professora em Campo Grande.

“Começarei protestando contra a confusão que se faz entre a seriedade do espírito humano e, por exemplo, a sisudez de uma sessão acadêmica (...)”².

² MÁRIO DE ANDRADE, “Meu Testamento”.

Freud centrou o “Interesse Educacional da Psicanálise” (1913), nas descobertas da *sexualidade infantil*, que teriam um “máximo interesse” para a educação. E situou na transferência o eixo da *psicologia do escolar* (“Algumas Reflexões sobre a Psicologia do Escolar” -1914).

A apropriação destas descobertas pela educação, sob a forma de uma teoria do desenvolvimento e da aprendizagem (“psicologia da educação”), sugere que a psicanálise simplesmente prolongaria a visão que a educação tem de si. No entanto, a “sexualidade infantil” e a “transferência” põem em cena outros protagonistas do cenário escolar, que não o “sujeito epistêmico” (a criança) e o “método” de ensino (o professor), fazendo-os seguir um outro roteiro que não o meramente adaptativo.

1. A escolarização da infância, reedição da cena primária.

Philippe Ariès (1975), indo em direção oposta àquela dos pedagogos e profissionais psi, para quem a escola teria a função de “socializar” a criança, integrá-la no universo adulto, diz que ela é, ao contrário, lugar de confinamento da infância. A criança:

“(...)foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das

³ PHILIPPE ARIÈS,
*História Social da
Criança e da Família*,
p. 165.

*das prostitutas), que se estenderia até os nossos dias, e ao qual se dá o nome de “escolarização”*³

A escola moderna, que emergiu nos séculos XVI e XVII, surge e se consolida como instrumento de exclusão da criança do mundo adulto, e portanto, de instituição da infância. E, se aceitamos a distinção psicanalítica (Laplanche) entre os dois planos da “adaptação” e da “sexualidade”, então este mundo adulto do qual a criança é excluída pela escolarização não é só o dos interesses adaptativos; é também o da sexualidade dos pais. E neste sentido nós poderíamos considerá-la como uma *reedição da cena primária*. A escolarização da infância reedita a cena primária, confrontando a criança com a sua exclusão do universo adulto da sexualidade dos pais e buscando torná-la o objeto da projeção de um ideal: a criança “pura”.

Essa dimensão sexual do mundo adulto, do qual a criança é excluída pela escolarização, está enunciada no desejo dos pedagogos do século XVIII (Rousseau, dentre eles), de conservar o “caráter infantil” da criança, de salvá-la da contaminação dos adultos e mantê-la “pura”. No princípio do século XV, Gerson queixava-se dos “contatos físicos das crianças” e das

“... pessoas imorais ‘que têm prazer, pelas suas palavras e pelos seus atos, em levar as crianças ao pecado, quando estas deveriam ser puras como anjos’. A esse respeito evocava, sobretudo, o hábito dos pais e dos criados de palparem, acariciarem e excitarem o corpo ou o sexo da criança”.⁴

⁴ JOS VAN USSEL, *Repressão Sexual*, 1980.

A expansão das escolas para fora do âmbito clerical se dá nesse contexto de proteção da inocência da criança, ocupando um lugar estratégico na neutralização sexual e na instituição da criança inocente. Do mesmo modo, as medidas pedagógicas que se introduzem entre aluno e professor - “educação com sacerdócio”; “autonomia do aprendizado” e atividade intelectual desenvolvida na escola: todas elas, estratégias de proteção da “pureza” da criança diante deste “adulto-perverso” (para Laplanche o adulto seduz a criança e a desencaminha de sua natureza biológica para criar nela a sexualidade) que, na figura do professor, se infiltra nos santuários destinados à infância pela modernidade.

Interessa-nos, em especial, a atividade intelectual enquanto

um possível dispositivo desta educação assexuada, porque uma tal intelectualização trará, implícitas, dificuldades para a sua assimilação pela criança, que não têm sido devidamente explicitadas.

A escolarização da infância instituiu a criança inocente, afastando-a da sua sexualidade, e a atividade intelectual pode ser um meio de purificação: o mecanismo inconsciente da repressão “separa, na idéia sobre a qual se exerce, o conteúdo representativo da carga de afeto”⁵

Sophie de Mijolla (1992), distingue uma atividade intelectual “sublimada”, que caminharia junto com o afetivo-sexual, de uma outra, “idealizada” que, ao contrário, buscaria fazer com que as idéias o *dominem*.

Se como pensa Laplanche, a *sublimação* é uma “fonte de sexualidade” (1989), a escola poderia promovê-la se buscasse realizar o ideal de criança *pura*? No entanto a *idealização*, destruindo as marcas que identificam a criança e que compõem seu universo pessoal, inibe o pensamento e institui as “dificuldades de aprendizagem”.

Ambígua como a sedução em sua dupla dimensão “estruturante” e “traumatizante”⁶, a educação e atividades que, como a escrita, na escola se realizam, também podem servir à elaboração psíquica, que busca ligar afeto e representação que a repressão, ao contrário, desliga. Isto faria da escola um auxiliar da simbolização que, liga um afeto (a angústia) que sem ela seria completamente devastador para o indivíduo (Laplanche, 1988).

2. Mestre-cuca, mestre sedutor.

Desde os gregos, a humanidade fez de “educação” e “nutrição” ou “alimento” palavras “gêmeas”⁷. Os banquetes eram o local pedagógico por excelência, sendo a expressão da íntima união de alimentação e eros. A idéia central do *Banquete* platônico seria, segundo Jaeger, esta união de *eros* e *paidéia*, idéia antiga, transmitida pela tradição. A atividade educadora é *eros*, assim como são eróticos os laços que unem o mestre e o discípulo. E, se esquecemos tão facilmente o aspecto erótico deste impulso educador, isso se deve, segundo Jaeger, “à sua apaixonada gravidade moral”⁸

Marrou (1969) escreve que educação, para o grego, eram as relações eróticas que “uniam um espírito jovem a um mais velho - que era, ao mesmo tempo, seu modelo, seu guia, seu iniciador”: para um antigo, o amor é “essencialmente educativo”.

⁵ Renato MEZAN, *Freud: a trama dos conceitos*, p.214.

⁶ Renato MEZAN, *A Sombra de Don Juan e outros Ensaio*, p.34 - 35.

⁷ W. JAEGER, *Paidéia - A Formação do Homem Grego* e Jean Jacques ROUSSEAU, *Emílio ou da Educação*, 1973.

⁸ W. JAEGER, *idem*, p.545 e 905.

⁹ PLATÃO, *O Banquete*

Amor, por sua vez, que é amor “da geração e da parturição no belo”, como explica Sócrates no relato que faz de sua conversa com Diotima; Eros é um impulso à procriação e à perpetuação, impulso de deixar no mundo um ser igual a si próprio e aspiração a “gerar no belo”⁹.

A metáfora da agricultura que os gregos nos legaram e que Plutarco retomou no seu *A Educação da Juventude*, também expressa este caráter erótico, fecundante da *paidéia*: a educação é, como a agricultura, o “cultivo da natureza pela arte humana”.

Através da “fase oral ou canibal”, a teoria psicanalítica afirma a mesma ligação entre a alimentação e a sexualidade Freud (1905) ambas têm por objeto a “incorporação” (canibalismo), a qual está ligada à procriação: na perspectiva do inconsciente, alimentar-se é também procriar. Esta “teoria sexual infantil”, que associa a incorporação oral e a concepção de uma criança é, segundo Freud (1908), uma das soluções para o “primeiro grande problema da vida”, o “primeiro enigma”, com o qual se defronta o ser humano: “De onde vêm os bebês?”

É também por incorporação, por acréscimo, que se dá a “sedução originária” em Laplanche, pela qual o adulto-sedutor introduz “significantes enigmáticos” na criança, cujo exemplo é o “seio, órgão aparentemente natural da lactação” sobre o qual recai o “investimento sexual e inconsciente pela mulher”.

“Por meio do termo ‘sedução originária’ qualificamos, portanto, essa situação fundamental em que o ‘adulto’ propõe à criança significantes não verbais assim como verbais, inclusive comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes”¹⁰.

¹⁰LAPLANCHE, 1992, p. 134

Pela sedução, o “social-sexual” se introduz na criança. Mezan escreve que, retomando Ferenczi, Laplanche argumenta:

“que toda criança precisa ser introduzida na cultura em que vai viver, e que tal introdução se dá necessariamente através do contato com os adultos. Ora, estes últimos oferecem a ela algo mais do que simples informações ou códigos de comportamentos e de valor: suas mensagens estão impregnadas de significações inconscientes de natureza sexual”¹¹

¹¹ Renato MEZAN, *A Sombra de Dom Juan e outros ensaios*, 1993, p.33).

A introdução dos significantes enigmáticos faz surgir um trabalho de elaboração que dá origem a um sujeito psíquico. Ou, a incorporação do alimento que a educação oferece faz gerar o “tupi” (O. de Andrade), “filho imaginário” (Stein/Mezan) ou “mestiço” (Michel Serres), para quem “todo aprendizado é a mistura de um eu e de um outro, que resulta num mestiço, o terceiro instruído”.¹²

“Filho imaginário”, realidade compartilhada, “espaço intermediário” entre eu e o outro, campo da ilusão e dos fenômenos transicionais, que faz triunfar contra a separação e traz um prazer narcísico. Ainda, espaço no qual se localiza o brincar ou, o viver. Para Winnicott (1975), viver normalmente, isto é, viver sem a doença, é brincar. Embora nossas escolas o proibam. O brincar, erótico e fecundante, violentaria a pureza de nossas crianças?

Brincar é uma palavra que expressa também o ato sexual, e este é o emprego que lhe dá Mário de Andrade em *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter*, que às vezes “brinca sem vontade, apenas para não desmentir a fama”.

“E os dois brincavam que mais brincavam num de-boche de ardor prodigioso. Mas era nas noites de insônia que o gozo inventava mais (...). Macunaíma dava um safanão na rede atirando Ci longe. Ela acordava feito fúria e crescia para cima dele. Brincavam assim. E agora despertados inteiramente pelo gozo inventavam artes novas de brincar”¹³.

“Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago”, diz o “Manifesto Antropofágico”¹⁴. O canibal diminui a distância que o separa do outro, engolindo-o. “O canibal ama tanto o seu próximo, que o come - e não come senão aquilo que ama”¹⁵

Nossa cozinha simbólica inconsciente mistura amar, comer, pensar, conhecer e procriar, tudo num mesmo caldeirão. Incorporando o alimento que o mestre “cuca” oferece, o aluno experimenta o prazer de criar e de engendrar um terceiro. Introduzindo, ainda que à sua revelia, significações adultas no universo da criança, o mestre (sedutor) impulsiona um trabalho de elaboração psíquica.

Em *A Sombra de Don Juan: A sedução como mentira e como iniciação*, Renato Mezan distingue um aspecto estético da sedução, que “implica o despertar ou o refinar de uma sensibilidade”. Em sua face estética a sedução é:

¹²Folha de S. Paulo, abril/ 1993.

¹³Mário de ANDRADE, *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter*, p. 30.

¹⁴OSWALD de ANDRADE, “Manifesto Antropófago”

¹⁵André GREEN, apud Sant’Anna, p. 07

¹⁶ Renato MEZAN, *A Sombra de Don Juan e outros Ensaios*, p. 20.

“prazer extremo, deleite, algo que não vai retirar nada do seduzido, mas ao contrário lhe ‘acrescentar’ alguma coisa. O sedutor é neste momento aquele ou aquilo que toca fibras sensíveis, que desperta no outro sensações de raro matiz, emoções até então ignoradas; o sedutor acaricia com suavidade, faz com que o seduzido descubra dimensões da própria experiência que sequer suspeita ser capaz de vivenciar”¹⁶.

Platão, embora não considerando esta dimensão de acréscimo, situa a mestria na arte pedagógica na mesma capacidade de iniciação de uma sensibilidade, quando compara o mestre ao tocador de lira na *República*:

Platão, *apud* Jaeger, p. 551

“A lira é um instrumento de várias cordas e altamente refinado. É mudo para quem não o sabe tocar e gera uma insuportável monotonia, quando se toca uma só das suas cordas. É em saber tocar várias cordas ao mesmo tempo, produzindo não ‘uma’ estridente dissonância, mas uma bela harmonia, que efetivamente consiste a difícil arte da autêntica paidéia”¹⁷.

A arte da educação que, como a sedução em sua face estética, acrescenta algo no aprendiz capaz de despertá-lo, de iniciá-lo em sua sensualidade, vai em sentido oposto à neutralização afetiva visada por nosso ideal de criança *pura* que entorpece a sensibilidade. Em seu movimento de instituição da criança pura, a modernidade deslocou a concepção da educação que a humanidade conheceu com os gregos e fez da arte de educar, mera *adaptação*.

¹⁸ Octávio PAZ, - *A dupla chama. Amor e Erotismo*, p. 24

Idéia restrita (e restritiva) que o professor apaixonado pelo que faz subverte, afirmando, como o *libertino*, “o prazer como único fim diante de qualquer valor”¹⁸. Inverte a orientação traçada há séculos para esse terreno e que faz a obrigação substituir o prazer, introduzindo na escola o prazer como obrigação e condição da sua ação.

É preciso fazer lembrar a irmandade siamesa originária, secular e poderosa entre a Educação e a Igreja, para que o caráter transgressor do *professor-libertino* não impeça o ser reconhecimento por nossas teorizações. Ameaçando o dispositivo da educação *assexuada*, ele a torce em seu eixo, substituindo a neutralização se-

xual pelo despertar da sensualidade: a sua e a do outro.

Monumento vivo da arte de educar, o *professor-libertino* viola a interdição que pesa sobre nossas escolas-conventos, que guardam, nos seus duros bancos de madeira, nas paredes nuas de suas salas trancadas, nas suas instalações, na sua arquitetura, os “gritos de crianças supliciadas” de Montaigne (Marrou, 1969, p. 420). Mesmo que não o saiba, é este sistema de clausura com seu voto de pobreza, que o professor ameaça ao oferecer-se na escola como parceiro para “brincar” com o outro de modo a que, juntos criem o “filho imaginário”.

3. Novos protagonistas

Não é casual que a psicanálise tenha sido proscrita da escola. E que ainda hoje possa provocar comoções. Ao trazer à luz do dia a sexualidade infantil, ela faz ver a aura religiosa que cerca a atividade educativa, inclusive a atividade intelectual que nela se desenvolve. Inseridas neste contexto, as “dificuldades de aprendizagem” exigem do profissional psi mais que o acolhimento clínico aos “alunos-problemas”. Destinada a instituir a criança *pura*, a marca da escola moderna é sua aversão à sexualidade e, pois, sua estranheza para com o prazer - da criança, mas também do professor.

E isto os psicanalistas têm afirmado, desde Freud e Ferenczi. Uma das contribuições mais significativas da tradição analítica para a educação, porque toca o eixo mesmo da escola moderna, no entanto, esta denúncia da antipatia existente entre educação e prazer tem sido injustamente negligenciada.

À partir da psicanálise, como queria Freud em “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades” (1919, p. 219-220) a educação aprende que a criança não é tão “pura”, que o professor não “é” um método; que a escola exclui a criança do mundo adulto. Ainda, que a educação pode ser mais que adaptação, e que a atividade intelectual, enquanto meio de purificação, impede a criação do filho imaginário. No teatro montado pela psicanálise os protagonistas do cenário escolar já não são os mesmos e os personagens seguem outro roteiro que o meramente adaptativo.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mário de - *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. São Paulo, Martins Fontes, 1970.
- ANDRADE, Oswald - "Manifesto Antropófago" in *Do pau-brasil à Antropofagia e às utopias*. Obras Completas, Vol. VI. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
- _____ - *Meu Testamento*. Idem, 1972.
- ARIÈS, Philippe - *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1975.
- FERENCZI, S. - "Psicanálise Pedagógica" in *Psicanálise I. O.C.*. S. Paulo, Martins Fontes, 1991.
- FREUD, Sigmund. - "Três Ensaios sobre Sexualidade" (1905), SB, R. de Janeiro, Imago, vol VII, 1980.
- _____ - "O esclarecimento sexual das crianças" (1907), SB, R. J., Imago, IX, 1980.
- _____ - "Sobre as Teorias Sexuais das Crianças" (1908), SB, R. J., Imago, IX, 1980.
- _____ - "O interesse educacional da psicanálise" (1913), SB, R. J., Imago, XIII, 1980.
- _____ - "Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar" (1914), SB, R. J., Imago, XIII, 1980.
- _____ - "Sobre o ensino da psicanálise nas universidades" (1914), SB, R. J., Imago, XVII, 1980.
- JAEGER, W. - *Paidéia. A Formação do Homem Grego*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- LAPLANCHE, J. - *Problemáticas II: Castração. Simbolizações*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- _____ - *Problemáticas III. Sublimação*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- MARROU, H.-I. - *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo, Herder e Edusp, 1969.
- MEZAN, Renato - *Freud, Pensador da Cultura*. São Paulo, Brasiliense e CNPQ, 1985.
- _____ - *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo, Perspectiva, 1982.
- _____ - *A Sombra de Don Juan e outros Ensaios*. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- MIJOLLA-M, S. de - *Le Plaisir de Pensée*. Paris, Presses Universitaires de France, 1992.

PAZ, Octávio. - *A dupla chama. Amor e Erotismo*. São Paulo, Siciliano, 1994.

PLATÃO - *O Banquete* in Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

ROUSSEAU, J.-Jacques - *Emílio ou da Educação*. S. Paulo, Difusão Européia do livro, 1973.

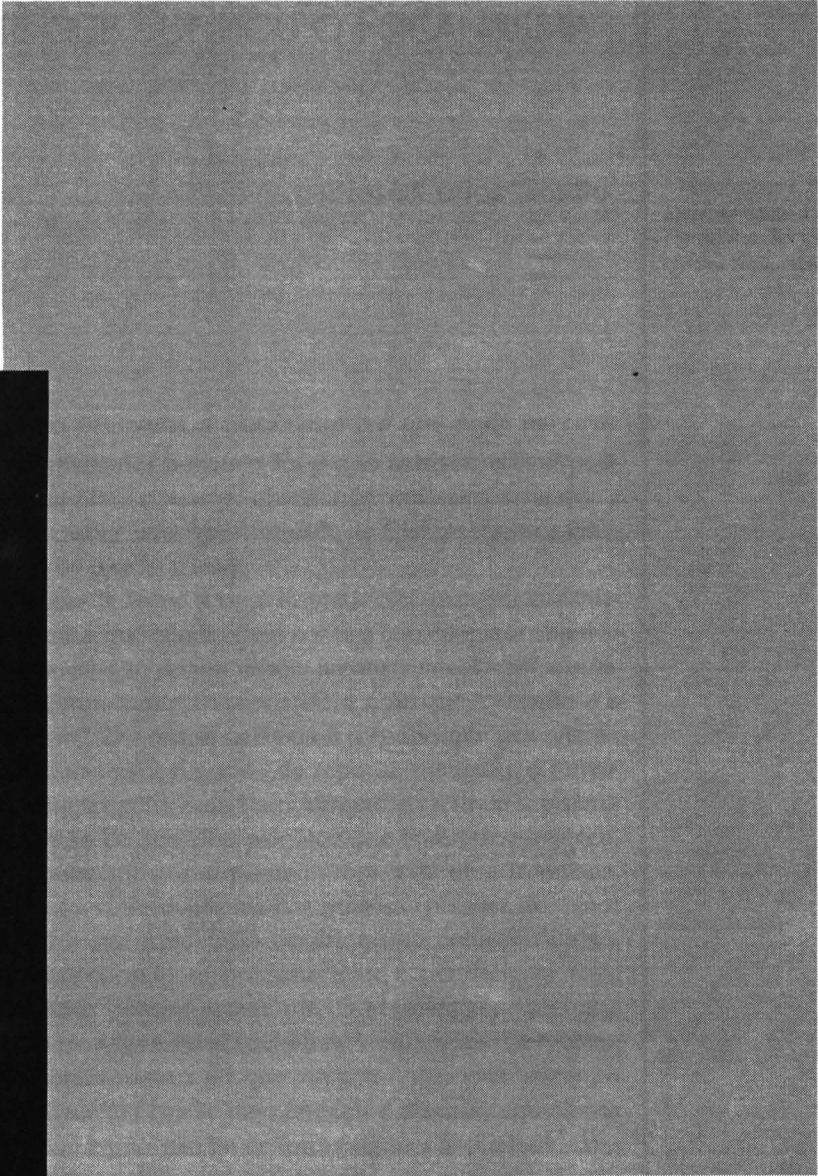
SANT'ANNA, A. R. - *O canibalismo Amoroso. O desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

SERRES, M. - *Filosofia Mestiça. Le tiers-instruit*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.

Folha de S. Paulo, abril/1993

USSEL, Jos Van - *Repressão Sexual*. Rio de Janeiro, Campus, 1980.

WINNICOTT, D.W. *O Brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.



LEITURAS

A ARTE QUE SONHOU O PSICANALISTA

José Carlos Garcia¹

¹ Psicanalista e Professor do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto "Sedes Sapientiae"

O sonho, o cinema, a psicanálise e o que pode haver de comum nestas atividades humanas foi o que motivou esta exposição. Mais que um filme e suas possíveis interpretações, mais que a psicanálise e seu saber, uma oportunidade de falar de sonho e cinema num enredo de paixão e arte.

O trabalho de Freud tornou impraticável qualquer consideração sobre o sonho, que não leve em conta o fato de que o objetivo do mesmo é a realização de um desejo inconsciente. Outra afirmação, igualmente importante, feita por ele, é a de que "*o sonho é o guardião do sono*". Em outras palavras, é o sonho que permite ao indivíduo poder sustentar o estado de repouso mediante o refreamento das exigências pulsionais. Essas afirmações retiram seu sentido da compreensão de aparelho psíquico que Freud desenvolveu, no que ficou conhecido como primeira tópica na obra freudiana, nela ele expõe sua visão dualística das pulsões (pulsões do ego e pulsões sexuais) e sua concepção de psiquismo compreendida a partir dos sistemas consciente, pré-consciente e inconsciente. Faço este esclarecimento porque penso que na segunda tópica com a reformulação da teoria pulsional (pulsão de vida e pulsão de morte), a dinâmica do sonho passa a ter que integrar o que está "*além do princípio de prazer*"(1920). Se digo integrar é porque o que havia sido concebido até então, não foi de forma alguma descartado. Com a pulsão de morte, o sonho tem que se haver com o que está além do representado, com o que urge, pulsão, por representar-se.

Num trabalho publicado em 1917 chamado Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos, Freud faz uma interessante exposição do desinvestimento que o indivíduo tem que processar para conseguir conciliar o sono. Resumidamente, ele descreve os

movimentos necessários para recompor um estado de tranqüilidade e ausência de estímulos que segundo ele, se aproxima do estado narcísico originário. Freud relata assim esse processo:

“Não estamos acostumados a pensar muito no fato de que todas as noites os seres humanos põem de lado os invólucros com que envolvem sua pele, e qualquer coisa que possam usar como suplemento aos órgãos de seu corpo (na medida em que tenham conseguido compensar as deficiências desses órgãos por substitutos), por exemplo, os óculos, os cabelos, os dentes postigos, e assim por diante. Podemos acrescentar que, quando vão dormir, despem de modo inteiramente análogo suas mentes, pondo de lado a maioria de suas aquisições psíquicas. Assim, sob ambos os aspectos, aproximam-se consideravelmente da situação na qual começaram a vida. Somaticamente, o sono é uma reativação da vida intra uterina, na medida em que atende às condições de repouso, calor e exclusão de estímulos; na realidade, durante o sono muitas pessoas retomam a posição fetal. O estado psíquico de uma pessoa adormecida se caracteriza por uma retirada quase completa do mundo circundante e de uma cessação de todo interesse por ele.”²

² Sigmund FREUD, *Obras Completas*, (E.S.B.) “Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos”, p. 253.

É exatamente essa retirada que o sujeito pratica frente ao mundo circundante que coloca em curso no aparelho psíquico o movimento regressivo que permitirá a formação do sonho.

Se considerarmos o campo de trabalho do analista, iremos perceber que ele também se constitui a partir de proposições que, assim como o sono, vão permitir abrandar a relação com a realidade. Vamos recordar o que em linhas gerais acontece quando alguém por alguma razão se dispõe a fazer análise. Logo ao telefone o paciente começa a se defrontar com situações de alguma estranheza que atentam contra os referenciais gerais da conduta dos profissionais de saúde, note-se a título de exemplo, que caso faça alguma tentativa no intuito de saber o preço da consulta, esbarrará num inquietante adiamento, justificado pela afirmação de que o momento para tal esclarecimento em breve chegará.

Ao ser acolhido no consultório do analista o paciente se

perceberá, geralmente, num lugar brandamente iluminado, acusticamente preservado da invasão externa e da evasão interna, mobiliado com razoável conforto, além de uma acalentada tranqüilidade. A recepção do paciente pelo analista será marcada por uma cordial disposição que se acompanhará de uma desinteressada atitude no que diz respeito à formulações de juízo de valor sobre o que relata o paciente. Se após o transcurso das entrevistas, tudo se encaminhar para a realização do processo de análise, o olhar do paciente terá como destino vagarear por inusitados contornos marcados pela ausência do semelhante. Do analista ele só ouvirá, de vez em quando, a voz e algumas outras precárias emissões vocais que às vezes ganham tanto sentido ou mais, que as próprias palavras. O analista não responde ao discurso manifesto e não se incumbe de buscar a solução coerente de problemas lógicos na medida em que sua posição não se confunde com a de um conselheiro. São ambos, analista e paciente, construtores e passageiros desta nau de destino incerto a perambular pela terra dos sonhos.

Guardadas as devidas proporções, será interessante percebermos que quando vamos ao cinema nos entregamos também a uma tarefa de desligamento da realidade. Tentamos dar conta de todas as necessidades fisiológicas que pudessem reclamar nossa atenção durante o filme, buscamos uma boa acomodação na poltrona e finalmente, imersos no silêncio e na escuridão, entregamo-nos a uma outra realidade. A exata dimensão dessa experiência de desligamento pode ser constatada quando a comparamos com a de assistir a um vídeo em nossas casas. O comum nessas ocasiões é que sejamos assaltados de tempos em tempos pelos reclamos da realidade (campanha, telefone, filhos etc.), o que limita e muito, nossas reações emocionais para com o filme.

Gostaria de explorar um pouco os limites dessa experiência que o cinema nos permite viver. A dimensão física de uma tela branca não é de fato o lugar onde assistimos o filme. Que seja refletido ali um conjunto de imagens, não pode ser suficiente para representar tudo o que nos traduz o cinema. Se a tela reflete as imagens levadas pela luz do projetor, não ficamos apenas parados, submetidos a passividade, projetamos também pela luz do olhar nossos recursos para compor imagens a partir do que nos chega. E nesse movimento criamos uma nova virtualidade, que nos fará co-autores da criação cinematográfica.

Apesar do que possam dizer os críticos ou os amigos que nos antecederam ao assistir o filme, nós sempre teremos uma experiência única e não de todo partilhável, e que nos perdoe o diretor do filme, mas a partir daí, a obra nos pertence, sonhamos com ela; passa a fazer parte do nosso acervo de arte, é uma possessão do nosso imaginário após passar pela ilha de edição dos nossos recursos simbólicos.

Em cada um desses espaços em que se situa o sonho (o sono, a psicanálise e o cinema), descobriremos que ele em última instância está à cata de um intérprete e o intérprete reconhece o sonhador, empresta-lhe realidade.

Isto nos leva a pensar, por exemplo, que dentre as várias funções que a mãe exerce junto a seu bebê uma pode ser destacada como muito importante, a função de reconhecer o sonho do bebê. A mãe é a grande intérprete de seu filho, na verdade no início da vida do bebê ela sonha por ele e junto com ele. Perceberemos ainda que se estabelece entre eles um espaço oniróide onde o narcisismo da mãe irá propiciar a construção do espaço mental narcísico da criança, que a capacitará a encontrar um caminho identificatório que lhe permita ingressar no imaginário da cultura.

Freud descreve que nos primórdios do desenvolvimento, a criança experimenta a vivência de satisfação, que seria a forma de inscrição psíquica do conjunto de sensações que decorre da satisfação das necessidades do bebê pelo concurso da assistência materna mas que, evidentemente, não é discernido pela criança como tal. A cada novo incremento das exigências feitas pelas necessidades experimentadas, a criança buscará reinvestir os traços mnêmicos da vivência de satisfação. Esse movimento que Freud definiu como alucinatório, só pode ser sustentado porque o pronto atendimento das necessidades da criança é efetivamente garantido pela presença materna. O resultado disto, na melhor das hipóteses, é que a partir dessa vivência de onipotência, a criança conseguirá desenvolver-se e fortalecer-se o suficiente até poder suportar a alternância de estados reais de potência e frustração, mas, o que me leva a recuperar essa parte do trabalho freudiano sobre os primórdios do desenvolvimento mental é a possibilidade de destacar algo extremamente importante, qual seja, que a capacidade de alucinar é uma dotação originária do aparelho psíquico. A alucinação é uma ação psíquica que projeta no espaço mental uma imagem poderosamente impregnada da sensação de realidade, um filme de realidade virtual na tela onde

mais tarde serão projetados os sonhos.

O espaço onírico é uma construção mental permanente, que se representa na potencialidade resultante do encontro de dois tipos de funcionamento mental que Freud descreveu como processos psíquicos primário e secundário. Abreviadamente, o processo primário regeria o funcionamento mental inconsciente, enquanto o secundário representaria o modo de operação dos sistemas pré-consciente e consciente. A alucinação, por exemplo, seria essencialmente uma forma de funcionamento característica do processo primário e que no desenvolvimento normal só se fará presente durante a vigência do estado de sono.

Levando essas idéias em consideração, afirmo que a mãe auxiliará a criança a transpor o estado de fusão onde o sonho não tem ainda uma nítida diferenciação da vigília ou, em outros termos, onde ainda não teriam sido claramente diferenciados os processos primário do secundário, para o que virá a ser então, uma condição de narrador de sonho, perscrutador de si mesmo.

Em seu trabalho clássico a respeito da interpretação dos sonhos (1900), Freud fez um longo e precioso inventário sobre os sentidos e explicações dados aos sonhos. Por fim, afirma estar mais próximo da compreensão popular que sempre atribuiu sentido ao sonho do que da oferecida pela ciência da época, que via no sonho uma espécie de subproduto da atividade mental. Uma forma de funcionamento precário dado que não sustentado pela consciência vigil.

Se por um lado, a psicanálise muito fez para a compreensão da dinâmica dos sonhos, é fundamental reconhecer, como fez Freud, que a psicanálise por sua vez é tributária dos sonhos e de todas as tentativas interpretativas que buscaram alcançar os recônditos da alma humana.

Freud inscreveu o sonho no sentido, reconhecendo nele um modo de articulação do sujeito do inconsciente em seu caminho de revelação. O que eu gostaria de acrescentar seguindo esta idéia é que neste sentido, o sonho se apresenta como um gesto de criação. De fato, é a primeira obra de arte que somos capazes de produzir: condensamos, deslocamos, organizamos plasticamente e a apresentamos a um espectador, mas não a um espectador qualquer, mas a alguém que possa exercer o que descrevi acima como uma função de intérprete e que no melhor dos casos será a própria mãe, ou então alguém exercendo esse papel. Esse espectador tem uma expectativa, acredita no potencial do bebê e o solicita desde seu

próprio narcisismo. E aqui temos um delicado equilíbrio, pois se a mãe for motivada desde suas entranhas narcísicas a se apossar tiranicamente da existência do bebê ela o impedirá de fazer contato com sua condição de ser desejante, a não ser pelo viés de se identificar irremediavelmente à condição de objeto de desejo da mãe. Nestas circunstâncias será muito difícil que o bebê venha a ser capaz de experimentar um verdadeiro ato de criação que seja sentido por ele como uma realização prazerosa. Poderíamos dizer que para esta pessoa restará como saída sentir-se responsável por sonhar os sonhos da mãe.

O estado de sofrimento que essa condição acarreta levará este sujeito a vagar pela existência em busca de uma nova experiência que possa redimi-lo de tal aprisionamento. Ele buscará por um novo intérprete que talvez, possa descobrir com ele uma outra possibilidade do sentido de ser.

Se esse intérprete chegar a ser um analista, o essencial de seu trabalho será recriar, através do encontro com o paciente nos limites de uma relação transferencial, a potencialidade oniróide para a realização das experiências emocionais que não alcançaram simbolização.

Se falo de potencialidade oniróide é porque estou seguindo a estrita formulação freudiana da escuta psicanalítica que se retira da lógica consciente do pensamento para vaguear sem amarras pelas associações livres do paciente. Não é a razão consciente que produz a interpretação, esta se constrói como surpresa no espaço inter subjetivo do vínculo analista-paciente. É neste "locus" oniróide que surge a potência criativa e transformadora do trabalho psicanalítico, mas seria demasiado equívoco não reconhecer que a todo momento o ser humano se depara com experiências capazes de gerar recursos que favoreçam a ampliação de seu campo simbólico.

Quando assistimos a um filme como este, *Os sonhos*, de Akira Kurosawa o que vemos é puro encantamento. Só o cinema ou o próprio sonho são capazes disso, vimos a arte percorrendo a arte, o belo traduzido na estonteante perda de limites entre o que foi pintado por Van Gogh e o que foi filmado por Kurosawa. Vimos ou sonhamos com o protagonista fascinado e respeitoso? Se sonhamos, não éramos nós aquele protagonista?

Curiosamente, Akira/Van Gogh nos fala da servidão à beleza, vivida como compulsão a pintar/filmar, única forma de libertar a paixão, que se aprisionada mutila a razão e nos entrega ao devaneio da morte. Mutila como o gesto louco de Van Gogh desalojado de seu

corpo como campo de prazer, ou antes, nele nunca instalado como tal. Mutila como no tresloucado aceno suicida do deprimido Akira, que para nosso espanto renasce com *Dersu Uzala* e nos reencontra ou re-encanta com “*Os Sonhos*”:

Era uma vez, chovia e luzia o sol. Havia no menino o irrecusável impulso de olhar por entre o véu das matas o casamento das raposas. Convite explicitado pelas palavras maternas que se dissimulavam no contrário, a seduzir! No olhar o encanto, a promessa e o preço a ser pago.

Havia o soldado que ao regressar da batalha trazia no rosto a mutilação da esperança e no embornal da memória o desassossego do que não se pode esquecer. A morte, cão feroz, grassou esfomeada entre as fileiras ceifando amigos. Ficará para sempre o escárnio do horror, a guerra.

Caía a neve expondo a incerteza e o desamparo de quem com impotentes passos, contra o próprio medo arremetia. Frio que anestesia o desejo e deforma a vida, num espasmo de lancinante dor. Resta apenas o gélido e infame ruído do vento prenunciando o último adormecer.

obre planeta, palco da nossa insana sina humana de destruição. Triste enredo esse onde protagonizamos idiotas a cultivar excrementos, pois que na derradeira cena teremos que aplaudir em êxtase nossa própria miséria.

O último sonho desliza manso nas águas claras do regato de uma história de amor. O último sonho é o reencontro com a simplicidade da vida apesar de nós mesmos. O último sonho traz a morte em perfeita harmonia com o caminho dos vivos que souberam do amor.

(Que me perdoe Kurosawa mas não pude resistir!)

Mas afinal, o que são os sonhos se não nossa conciliação última entre desejo e realidade, nessa inebriante condição de desamparo e finitude que chamamos vida.

O sonho é nossa arte de ser, o cinema nossa arte de sonhar e o ofício do analista, a arte de interpretar.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund - “Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos”
In *Obras Completas* (E.S.B.), Rio de Janeiro, Imago, 1985, p. 253.



RESENHAS

MELTZER EM SÃO PAULO SEMINÁRIOS CRÍTICOS¹

Organizadores:
 Maria Olympia de A. F. França
 Evelize de Souza Marra
 Resenhado por:
 Marina Ferreira da Rosa Ribeiro²

¹ Editora Casa do Psicólogo, 1997

² Psicanalista e membro do Departamento Formação em Psicanálise, do Instituto "Sedes Sapientiae"

Este livro é uma ótima oportunidade para aqueles que desejam conhecer ou se aprofundar no pensamento clínico inovador de Meltzer. O livro é organizado à partir de seminários clínicos e temáticos realizados por Meltzer na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em abril de 1996. Contém também a conferência "Dream Life", realizada no Centro de Convenções Rebouças, no mesmo período - evento aberto ao público. Mesmo para aqueles que participaram da conferência é interessante ter acesso ao texto, pois Meltzer consegue falar muito com poucas palavras, suas frases causam impacto e seu pensamento é instigante. A tradução é cuidadosa e mantém o significado e a estética da linguagem do autor. Meltzer pensa com a ousadia da liberdade e isto faz do seu trabalho algo único e criativo.

"... Como analista, você não tem nada a oferecer a não ser opiniões; você não tem explicações para dar, mas tem uma porção de opiniões a oferecer. Isso quer dizer que você tem todo o direito, por exemplo, de mudar de idéia."

Ao longo da leitura dos seminários clínicos percebe-se a exuberância clínica de Meltzer. A teoria psicanalítica vai surgindo da prática, e teoria e prática são orquestradas com maestria. Esta característica o torna um teórico consistente, navegando livremente por conceitos psicanalíticos complexos. A leitura revela-se como uma rica fonte de psicanálise aplicada. Uma psicanálise que poderíamos

chamar de “psicanálise de última geração”, amplamente influenciada pelas gerações Freud-Klein-Bion.

Outro fruto da leitura deste livro é podermos conhecer um pouco do trabalho clínico dos membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo - uma intimidade que foi revelada com generosidade, propiciando ricas reflexões. Diante das exposições de material clínico, podemos observar a atitude respeitosa de Meltzer:

“...Na análise existe sempre o problema de respeitar a privacidade seja do analisando, seja do analista.”

Meltzer revela nestes seminários a facilidade com que transita nas imagens oníricas, tanto de sonhos relatados pelos apresentadores, como de pensamentos oníricos construídos na relação transferência/contratransferência. Meltzer “sonha” a dupla analista/analisando e à partir destas imagens oníricas e muitas vezes poéticas, oferece suas opiniões, e faz questão de destacar que são opiniões, impressões.

O leitor também é brindado com as opiniões de Meltzer sobre o processo analítico e qual a sua função no fim do milênio. Seguem-se algumas reflexões do autor:

“(...) Creio que a psicanálise diminui pouco a dor dos processos da vida. Podemos diminuir a confusão, mas temos pouca ou nenhuma capacidade de diminuir as dores fundamentais do viver”;

“(...) Como analistas, estamos sempre em busca do sentido das coisas, não somos médicos em busca de prolongar a vida, diminuir a dor etc.”;

“(...) Acho que ficou claro para muitos analistas fora dos Estados Unidos (não sei se isso vale também para os Estados Unidos) que a psicanálise tinha pouco a ver com os processos de adaptação social e com os aspectos contratuais e causais da vida mental. Não significa que a psicanálise não possa oferecer ajuda nessas áreas, mas, infelizmente, melhorias na vida emocional e íntima podem resultar numa má adaptação, na medida em que podem levar a uma recusa a qualquer adaptação sentida como degradante para a área íntima.”

A análise, sob este ponto de vista, não se propõe a resolver conflitos de desenvolvimento, mas oferecer um campo propício para o analisando pensar, e isso nem sempre resulta em adaptação, neste sentido uma análise é revolucionária. Citando novamente Meltzer:

“Bion nos conduz numa direção que considero humanista, a qual reconhece que o homem carrega um fardo, que é o de ter inteligência para ver o problema, mas não para resolvê-lo. Conseqüentemente ele padece de confusão”.

A partir do imediato vivido na transferência/contratransferência, Meltzer observa os processos de pensamento, ou melhor, da dupla confusão/pensamento. Meltzer também parece ser um humanista, no sentido de reconhecer que o homem realmente carrega um fardo, que é sua condição de humanidade, de ser pensante, condição dolorosa, pois implica em não resolução, na inevitabilidade da dor psíquica.

“(...) mas é um fato clínico bastante claro que, quanto mais você se interessa pelo significado da dor, mais tolerância à dor você desenvolve.”

Espero que os “petiscos” tenham favorecido um agradável apetite para a leitura de mais um livro de psicanálise, na nossa infundável e prazerosa prática de sermos psicanalistas.

BION EM SÃO PAULO - RESSONÂNCIAS (1997)

Organizadora:
Maria Olympia de A. F. França
Resenhado por:
Marina Ferreira da Rosa Ribeiro¹

¹ Psicanalista e membro do Departamento Formação em Psicanálise, do Instituto "Sedes Sapientiae"

Este livro foi organizado a partir de textos apresentados no simpósio - que teve o mesmo nome - em novembro de 1996, realizado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Como o próprio título sugere, os textos referem-se às ressonâncias da teoria bioniana, o impacto provocado por suas idéias; acrescido pela influência da presença do próprio Bion em seminários em São Paulo na década de 70.

Os textos denotam o amadurecimento que o tempo e o esforço de um grupo podem trazer para a compreensão e expansão de idéias. A teoria bioniana parece estar incorporada a uma linguagem corrente comum ao grupo, assim como conceitos freudianos e kleinianos - duas outras historicamente importantes influências. O impacto das idéias de Bion também parece ter gerado mudanças na prática clínica. Termos como interpretação são repensados: alguns psicanalistas usam em seus textos o termo formulação. Analista e analisando não possuem mais funções nitidamente diversas, fala-se da dupla analítica, na experiência emocional da dupla.

Em relação a uma psicanálise que se originou do modelo médico é uma verdadeira revolução. Cabe ressaltar que mesmo as idéias revolucionárias de Freud e Klein são melhor compreendidas hoje. O apego às regras de uma psicanálise engessada em conceitos pertence ao passado. Provavelmente este apego foi fruto do receio compreensível dos pioneiros, receio de caminharem em terreno tão desconhecido como o da mente humana e tão próximo de práticas não científicas.

A impressão que tive ao ler os artigos é que ganha-se liber-

¹ Leopoldo Nosek

dade para pensar, sem se perder o rigor conceitual e a disciplina, que é condição fundamental de um analista. Outra ressonância é o reconhecimento de que a psicanálise “*ultrapassou as fronteiras das instituições oficiais*”², e que a divulgação do turbilhão de idéias gerado por este grupo pode ressoar e germinar em outros campos. Acredito que um dos objetivos desta publicação também seja este.

No livro mesclam-se autores nacionais e internacionais, em um rico intercâmbio de idéias. Este é dividido em quatro temas que foram os “motes” a partir do qual os autores escreveram, são eles: “Interpretação: Revelação ou Criação?”, “Sexualidade e Pensamento”, “Agir, Alucinar e Sonhar” e “Psicanálise: Evolução e Ruptura”. Vinte e sete autores preenchem quatrocentas páginas, vibrando suas ressonâncias particulares.

Seria uma tarefa impossível comentar de forma válida tão rico e vasto material, desta forma escolhi três artigos para resenhar algumas particularidades. O primeiro artigo, de Nilde J. Parada Franch, está inserido no tópico “Agir, Alucinar, Sonhar” e tem como título “Da Paixão às Dores da Alma”. Este é um artigo claro em suas articulações e bem organizado. A autora permanece quase que exclusivamente dentro da Teoria do Pensamento de Bion, para descrever as implicações dos conceitos agir, alucinar e sonhar. Entremeados por partes mais teóricas, há exemplos clínicos para ilustrar os conceitos, criativamente designados como “Vinheta Clínica”.

O artigo começa abordando a libidinização necessária para que exista um bom encontro mãe/bebê - um encontro apaixonado, atrativo. Descreve o conceito de *rêverie* materna como promovedor de um espaço interno na mente do bebê. Diz a autora: “...*rêverie* e uma operação erotizada...” Ou seja, a mãe (analista) deve “... deixar-se penetrar pelas angústias, pelas identificações projetivas do outro (bebê/paciente)...”. Esta operação é erotizada pois envolve o desejo mútuo dos participantes da dupla: bebê/mãe ou paciente/analista. A partir deste encontro é possível o pensamento e o aparelho para pensá-lo. O desencontro, a falha na função de *rêverie* da mãe ou do analista, geraria o agir no sentido do *acting*. Elementos beta evacuados através do *acting* e da alucinação. Alucinar que também pode levar ao *acting*, mostrando as implicações dos conceitos.

A autora compreende o sonhar “...*como possibilidade de utilização de um instrumento sofisticado, a serviço da digestão da dor mental...*”. Neste sentido é desejável que possamos sonhar ao invés de usarmos de mecanismos evacuatórios como o *acting* e a

alucinação, sem perder a referência de que isto não é uma escolha, mas reflexo de uma condição mental.

O segundo artigo localiza-se no tópico “Sexualidade e Pensamento” e tem como título: “Falhas na vinculação: ataques ou deficiências?”. A autora é a psicanalista inglesa Anne Alvarez, que destaca da teoria bioniana a seguinte reflexão: “... ***Bion afirma que o ataque de um paciente ao pensamento do analista pode não ter sido motivado por sadismo, mas pela projeção de sua própria falta de função alfa. A implicação é de uma necessidade desesperada, isto é, de déficit, mais do que de destrutividade sofisticada.***” A partir desta reflexão a autora vai tecendo seu texto com exemplos clínicos para discutir que em certos casos podemos estar diante de falhas na vinculação por questões de deficiência e não de ataque. Esta distinção é fundamental, pois modifica a compreensão que o analista está tendo de seu paciente e conseqüentemente suas interpretações ou formulações. São questões micro analíticas que podem ser vividas e observadas na intimidade de um consultório.

O terceiro artigo é de Ana Maria Andrade de Azevedo que faz parte do tópico “Interpretação: Revelação ou Criação”, cujo título é o mesmo que o do tópico. Neste texto, a autora faz uma revisão bibliográfica, seguindo uma cronologia, do conceito de interpretação e da compreensão das funções do analista e do paciente. São funções distintas ou ambos compartilham de um encontro? A interpretação é função do analista? Descreve a evolução destes temas em psicanálise, desembocando no pensamento de Bion. Algumas idéias de Bion abordadas pela autora sobre o tema:

“(...)Entre paciente e analista constitui-se um campo de relações emocionais intersubjetivas e intrapsíquicas, onde se criam áreas de resistência da dupla, que um trabalho de “working through” do analista pode vir a desfazer. A presença do analista como elemento fundamental na dupla para a elaboração dos aspectos transferenciais e contratransferenciais é também enfatizado por Bion. A interpretação é “construída” a partir dessa relação, caso seja possível diminuir e/ou eliminar as áreas de resistência tanto internas como externas.”

“(...) o melhor colega que podemos ter é nosso analisando.”

São idéias impactantes, mas que Ana Maria vai descrevendo e tornando-as mais próximas. Muda-se a compreensão do contexto analítico, sem perder a disciplina e o rigor. Esta polêmica frase de que o melhor colega que podemos ter é nosso analisando, significa que o paciente conhece sua experiência emocional - que esta é única - e pode nos ajudar a compreender o que está acontecendo no contexto de um sessão. Outro impactante pensamento de Bion é a comparação usada entre uma sessão de análise e um campo de batalha - sob intenso tiroteio (tempestade emocional), precisamos manter nossa capacidade de pensar.

Bion tornou o trabalho do analista muito mais complexo, mas também mais atrativo. O desconhecido não tem fim, mantendo o vértice do desconhecido podemos acompanhar nossos pacientes neste constante trabalho de elaboração.

Espero ter conseguido ser fiel às idéias desenvolvidas nos artigos, objetivando mostrar ao público interessado na obra “vinhetas” de seu conteúdo. É recomendável que os leitores tenham algum conhecimento dos conceitos de Bion.

NARCISO ENAMORADO¹

Denise Vieira Lee²

O volume III da "Revue Française de Psychanalyse" traz uma coletânea de artigos que têm como tema o "Amor". Muitos dos autores ressaltam o fato do "Amor" não aparecer como um conceito no sentido estritamente psicanalítico, apesar de necessariamente implícito em outros como Pulsão ou Libido. Neste artigo, Pierre Chavel para falar deste tema, escolhe como vértice o Narcisismo, e visto deste ângulo, faz as seguintes colocações:

- 1) O objeto do amor é definido por uma experiência absolutamente contingencial: "*o amor é um sentimento que colocamos quando assim necessitamos, sobre o primeiro objeto vindo*" (Stendhal);
- 2) O ódio já está, portanto, presente no primeiro encontro com este objeto "*que é tão vão que só pode ser inoportuno*";
- 3) O Amor já é em sua origem, uma vivência narcísica, um reencontro de si mesmo no amor (narcísico) do outro: "*Um reencontro de si pelo Narciso morrendo nas fontes de seu nascimento*";
- 4) E, por fim, o paradoxo já anunciado no título do artigo "Narciso Enamorado": "*... como poderia Narciso enamorar-se senão de si mesmo?*" Levando-nos a pensar na construção paradoxal da vivência amorosa situada entre o Amor narcísico e o Amor de objeto como uma experiência entrelaçada.

O tom do artigo segue como uma espécie de provocação, de convite ao labirinto que o tema nos lança, valendo-se neste caminho de Freud, Lacan, Klein e Winnicott, o que nos deixa em muitos momentos em uma espécie de "desamparo teórico". Diante deste sentimento disparado pela leitura, proponho que nos apoiemos no que seria apenas uma referência (winnicottiana) para constituir um novo eixo organizador, um segundo texto. Um artifício, admito, no entanto tal como propõe o artigo quando nos fala da "*necessidade de colocar o amor (ou o pensamento) sobre o primeiro objeto*

¹ Pierre CHAVEL "Narcise Amoureux" in L'amour" - "Revue Française de Psychanalyse - vol. III

² Psicanalista, membro do Departamento Formação em Psicanálise, do Instituto "Sedes Sapientiae"



reconhecido como tal”.

Ao procurar tratar o Amor pela ótica do Narcisismo, o autor não nos esclarece se é o Amor que nasce do Narcisimo ou se é o Narcisimo que nasce do Amor. No entanto, sustenta esta tensão aparentemente de forma proposital. A questão disparadora deste caminho é a seguinte colocação:

“Se o amor objetal nasce do mesmo reflexo onde narciso admirava sua própria imagem, qual seria este espelho, capaz de refletir o objeto do amor?”

Neste ponto o autor lembra de Lacan referindo-se ao analista ao espelho, mas preocupa-se em não abordar o Narcisismo restrito a um sintoma organizador de defesa, mas sim, em considerá-lo como objeto do id, objeto da pulsão (Narcismo Primário?). Escolhe então tomar outro caminho, como ele próprio descreve, contornando Lacan e valendo-se de Winnicott para fazer do “olhar da mãe o espelho onde se encontra o eu”. Aqui parece que o autor insinua uma saída para o labirinto teórico que ele nos lançou, ao afirmar que “o espelho é o olhar (admirado) da mãe, onde o bebê pode reconhecer-se, olhar a si próprio no olhar do outro”.

Daqui pra frente será o conceito de Paradoxo na obra de Winnicott a bússola que nos orientará no nebuloso caminho que o artigo propõe. Winnicott nos lembra que são os cuidados maternos que organizam as experiências sensoriais do bebê de dentro e de fora como uma “liga”, uma substância quase palpável que dá continuidade à pele e ao olhar em direção a um contínuo psíquico, uma unidade do eu (o que Winnicott chamou de “handling”, responsável pela integração psicossomática). Mas essa unidade só terá sentido, Chavel nos lembra, se investida de amor; do contrário, na ausência desta “liga”, a mãe ao receber as projeções das sensações corporais do bebê, as devolve como se fossem estrangeiras.

Neste ponto do artigo quando parece que podemos respirar aliviados, menos encarcerados nas tramas narcísicas, o autor assinala sua clara preferência pelo paradoxo, pela ausência de solução e recoloca a questão (kleiniana) do ódio originário. Ele próprio admite que visto desta forma, “o amor parece um empreendimento quase improvável, mas é em todo caso assim que nasce o amor.”

É então aqui que o próprio leitor passa a ser este estrangeiro, barrado na alfândega deste autor francês, checando se é capaz

(ou não) de receber os paradoxos e a forte insistência em não resolvê-los que o texto propõe. Mas o autor, por sua vez, parece não se preocupar com o desconforto que nos lança e, ao contrário, justifica na sua última afirmação: *“O amor no entanto gera insegurança, porque no amor há risco de desordem narcísica. Sem objeto constituído não há amor possível, mas paradoxalmente, o objeto de amor põe em risco o narcisismo pois este amor permite retroativamente o restabelecimento da díade mãe-criança.”*

De volta ao paradoxo, recorro novamente ao eixo winnicottiano que me acompanhou a leitura. Winnicott foi o primeiro psicanalista a falar no “paradoxo” no sentido de sua implicação no processo de estruturação do psiquismo. Este conceito já está presente em sua Obra, no livro *O Brincar e a Realidade*, quando introduz o conceito de área intermediária onde se passa o fenômeno transicional; ou ainda, neste mesmo artigo, quando fala da criação do seio pelo bebê: *“...a mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato (...) a área intermediária, ou a área de ilusão é a área que é concebida pelo bebê, entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste de realidade (...) desde o nascimento portanto, o ser humano está envolvido com o problema entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido”.*

Retornando ao texto de Chavel percebo na sua determinação em não resolver o paradoxo Amor-Narcisismo, a mesma posição de Winnicott frente ao “paradoxo” qual seja, de que este *“seja aceito, tolerado e respeitado e não seja resolvido”*, pois aí reside o espaço da criatividade humana.



BIBLIOTECA MADRE CRISTINA

DOAÇÃO: _____

DATA: ____ / ____ / ____

